

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – PUBLICIDADE E
PROPAGANDA**

**POR QUE TÃO BUNDINHAS? ENQUADRAMENTOS
DAS CAMPANHAS "ANTIDROGAS" NAS DÉCADAS
DE 1980, 1990, 2000 E 2010**

MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO

Adrieli da Silva Santos

Santa Maria, RS, Brasil.
2015

**POR QUE TÃO BUNDINHAS? ENQUADRAMENTOS DAS
CAMPANHAS "ANTI-DROGAS" NAS DÉCADAS DE 1980,
1990, 2000 E 2010**

Adrieli da Silva Santos

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, do Departamento de Ciências da Comunicação do Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial à obtenção do grau de Graduação em Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rejane Pozobon

Co-orientador: Bibiano da Silva Girard

Santa Maria, RS, Brasil
2015

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
COMUNICAÇÃO SOCIAL PUBLICIDADE E PROPAGANDA**

**A comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a monografia de graduação**

**POR QUE TÃO BUNDINHAS? ENQUADRAMENTOS DAS
CAMPANHAS "ANTI-DROGAS" NAS DÉCADAS DE 1980, 1990, 2000 E
2010**

elaborada por

Adrieli da Silva Santos

como requisito parcial para a obtenção do grau de

Bacharel em Publicidade e Propaganda

COMISSÃO EXAMINADORA

Rejane de Oliveira Pozobon
Orientadora

Juliana Petermann

Andressa Dembogurski

Santa Maria, ____ de dezembro de 2015

AGRADECIMENTOS

Para minha família, a qual se não fosse pela distancia, eu agradeceria todos os dias pelo amor incondicional, e a dedicação extrema para tornar-me uma pessoa instruída diante das mais difíceis situações. Principalmente a minha mãe, que além de ser a pessoa mais forte que já conheci, é a razão de tudo que deu certo na minha vida até agora, me apoiando diversas vezes, mesmo nos erros. As ramificações desse amor e dessa família, a Isadora Hernadez e Alana Sprada. A Raíssa Costa Córdova, e a Jéssica Fagundes Knak, minhas duas irmãs, a qual eu dividi os finais de tarde mais ensolarados da vida mesmo em dias tempestuosos. A Tieta, nossa cachorrinha contraventora. A minha referencia marginal, pela paciência e contribuição em todas as jornadas, Amanda Levy. Sem ela, exatamente nada deste projeto poderia acontecer da maneira encantadora como aconteceu. A minha melhor amiga, Carolina Bonoto, por ser quem ela é, e por sempre estar por perto transformando todo o desafio estressante que é carregar muitos sonhos em uma missão conjunta e cheia de aprendizagens.

A senhora Fátima, proprietária do mercado A Lenda, aonde pude encontrar além de comida e cerveja, um exemplo de mulher "faca na bota". A minha orientadora, Rejane Pozobon, que além de me orientar neste projeto, ajudou a despertar em mim uma vontade muito grande de seguir pesquisando. A Paola Dias, por ouvir incessantemente reclamações cotidianas, e seguir sorrindo pelas madrugadas divididas de trabalho, me rejuvenescendo a cada minuto. Ao meu melhor amigo "bunda mole", Vitor Tassinari, com quem eu divido as dúvidas da vida e as certezas mais especiais. Ao meu eterno amigo "esquisito" com nome "esquisito", Nehme, que me ensinou a não ter medo de transformações. A Milena Freire, Juliana Petermann e Darciele Menezes, por terem sido professoras fantásticas. E sim, a FACOS, motivo pelo qual mudei de estado, de vida, de convicções.

As notícias ruins, aos tombos, as derrotas diárias, aos desafios, aos banhos de chuva, ao frio, a solidão, ao caos. Muito obrigada por não me deixarem acomodar.

RESUMO

Observando a veiculação das campanhas antidrogas brasileiras, percebemos uma predominância até hoje do modelo estadunidense de tentar coibir as drogas. Considerando a responsabilidade midiática, realizamos uma pesquisa que pudesse dissertar sobre os sentidos ofertados nas campanhas antidrogas. Fazendo uso da perspectiva teórico-metodológica do enquadramento, analisamos as campanhas referentes às décadas de 1980, 1990, 2000 e 2010, com o intuito de indagar-nos sobre a qualidade comunicacional e o modelo de abordagem referente à temática. Conectando acontecimentos relevantes nas referidas décadas, procurando encontrar relações simbólicas entre o social, o cultural, a mídia e a política, observamos que a maioria das campanhas se preocupa em difundir a ideia da negação às drogas, mas nenhuma campanha se dedica a explicar as causas e as consequências da drogadição de maneira objetiva e não estereotipada.

Palavras-chave: Drogas, enquadramentos, campanhas antidrogas.

ABSTRACT

Observing the placement of the Brazilian anti-drug campaigns, we noticed a predominance today of the US model of trying to curb the drugs. Considering the media responsibility, we conducted a survey that could speak about the senses offered in anti-drug campaigns. Making use of the theoretical and methodological perspective of the framework, we analyze the campaigns related to the decades of 1980, 1990, 2000 and 2010, in order to ask ourselves about the communication quality and the model approach regarding the issue. Connecting relevant events in these decades and seek symbolic relations between social, cultural, media and politics, we note that most campaigns cares to spread the idea of denial to drugs, but no campaign is dedicated to explain the causes and the consequences of drug addiction in an objective and non-stereotyped way.

Keywords: Drugs, frames, anti-drug campaigns.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	9
CAPÍTULO 1 – PERSPECTIVA TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA.....	14
1.1. O enquadramento enquanto conceito teórico e metodológico.....	14
1.2. Alguns apontamentos acerca dos conceitos norteadores e das drogas.....	16
CAPITULO 2 – A SOCIEDADE, A MÍDIA E A POLÍTICA.....	20
2.1. Contexto político-social dos anos 1980: a estruturação do narcotráfico.....	20
2.2. Contexto político-social dos anos 1990: o neoliberalismo e o mercado ilegal.....	27
2.3. Contexto político-social dos anos 2000: os EUA e a sede por guerra.....	32
2.4. Contexto político-social dos anos 2010: políticas progressivas.....	37
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS ENQUADRAMENTOS PROPOSTOS NAS PROPAGANDAS "ANTIDROGAS".....	43
3.1. Enquadramentos propostos nas campanhas dos anos 1980.....	44
3.1.1. "Just say no": uma campanha para o mundo se omitir.....	44
3.1.2. Campanha <i>Johnn Lennon</i>	47
3.2. Enquadramentos propostos nas campanhas dos anos 1990.....	50
3.2.1. Campanha <i>Faz assim pras drogas</i>	52
3.2.2. Campanha <i>Drogas nem morto</i>	55
3.3. Enquadramentos propostos nas campanhas dos anos 2000.....	56
3.3.1. Campanha <i>UNDOC – Cone Sul</i>	56
3.3.2. Campanha <i>Marionete</i>	58
3.4. Enquadramentos propostos nas campanhas dos anos 2010.....	60
3.4.1. Campanha <i>All Type – Crack</i>	61
3.4.2. Campanha <i>Zombie – A Origem</i>	64

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....77

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....80

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No começo de 1969, nos Estados Unidos da América, Richard Nixon assumia o cargo de presidente. A partir desse momento, o rumo político e econômico dos EUA começou a canalizar suas forças e seus milionários orçamentos para aquilo que era chamado de “o inimigo número 1 da América”. Ganhando espaço e soberania pautados no grande consumo e acessibilidade das fronteiras norte-americanas, a burocracia sobre a deliberação de gastos para as operações contra o tráfico de entorpecentes só crescia. Foi assim que em 1980, o então presidente, Ronald Reagan, amparado pelos meios políticos, econômicos, sociais e midiáticos, declarou “Guerra as Drogas” em proporção mundial.

A linearidade dos poderes do Estado atribuíram às substâncias ilícitas informações imprecisas sobre sua operacionalidade, resultando na campanha publicitária que serviu como amparo para difusão do assunto “drogas” na sociedade. “*Just Say No*” foi comandada pela primeira dama, Nancy Regan, esposa do presidente liberal democrata, Ronald Regan. Sendo a protagonista por trás da campanha, Nancy chegou a promovê-la ao discursar em 1986 na rede de televisão *CNN* para enfatizar suas opiniões em relação às drogas, salientando a proposta combativa de governo do marido.

A campanha da guerra às drogas expandiu-se tanto no projeto de assimilação da estratégia contra a situação do tráfico de drogas, quanto no entendimento coletivo social, o qual criminalizava qualquer outra situação remetente as substâncias ilícitas. A difusão pela mídia das produções audiovisuais encarregadas para o tratamento do assunto se fortaleceram nos grandes índices de estatísticas governamentais crescentes, em todos os panoramas que circulavam em volta das drogas. Desde os relatórios dispostos com quantias gastas pelo governo, até os noticiários que televisionavam situações pejorativas das experiências com drogas, tudo foi utilizado como dispositivos aliados para que a propaganda ganhasse ênfase e recebesse a atenção que desejava. Essa configuração articulada de vários fatores acrescentou um peso positivo para a difusão das campanhas proibicionistas nos EUA até a chegada ao Brasil.

Este contexto inicial é importante de ser citado porque repercutiu fortemente nas futuras campanhas brasileiras. A propaganda, tema catalisador deste projeto é uma ferramenta utilizada há milhares de anos, seja para a promoção de um determinado produto, seja para a renegação dele. A Igreja Católica pode ser citada com uma das maiores propagandistas do mundo, devido ao alto número de fiéis, que além da fé, também dispõem desde trabalho

voluntario nas igrejas, até a compra efetiva de produtos relacionados à sua crença. No caso das propagandas proibicionistas, o objetivo principal seria o de afastamento da iniciativa pessoal de aquisição das drogas ilícitas. A ênfase recai sobre a palavra ilícita, a qual determina uma substância que causa males à saúde pessoal, e das pessoas ao redor.

Observando o alto índice de usuários de drogas no mundo, conseguimos entender que o sistema operacional introduzido socialmente de negação às drogas tornou-se falho quanto aos seus objetivos utópicos de erradicar a drogadição dos espaços cotidianos da sociedade. Para compreendermos o dispositivo droga como a cadeia conectada com diversas facetas do nosso sistema é que pesquisaremos sobre a operacionalidade dele na nossa cultura. Aqui trabalharemos atentando para o desempenho midiático, partindo sempre de uma contextualização do período, tendo em vista que existe a droga concreta em si, e a importância simbólica dela, que acaba atingindo vários setores em nosso cotidiano, desde os usuários até as pessoas que nunca sequer utilizaram drogas na vida, ou pelo menos, acham que não.

Essa pesquisa é realizada a partir da necessidade de levantarmos informações em prol da responsabilidade da mídia, focando aqui na publicidade e propaganda, com mais especificidade nas campanhas “antidrogas¹” veiculadas dentre o período de 1980 a 2015 no território nacional. Esse trabalho terá como eixo a capitação das campanhas, a contextualização do período remetido, e a análise segundo a metodologia dos dispositivos de enquadramento. Nossos objetivos são centrados em analisar as propagandas “antidrogas”, ao mesmo tempo em que oferecemos um amparo histórico da conjuntura social da época. Para isso, utilizamos os “pacotes interpretativos” (MATTHES E KOHRING, 2008), e um conteúdo adquirido através de informações relacionadas ao “mundo das drogas” e as temáticas que mais repercutiram nesses períodos específicos. Perpassando pela parte política, cultural e social, conseguimos observar, pelo viés propagandista, o modo com que a comunicação retrata o envolvimento das pessoas com drogas.

Levando em conta este contexto, esta pesquisa tem como objetivo principal analisar campanhas antidrogas das últimas quatro décadas, observando como a publicidade apresenta e reforça significados sobre o tema. Partindo por um viés observatório analítico, onde as particularidades encontradas nas análises serão ressaltadas em prol da relevância informacional do seu conteúdo, visando à reflexão sobre a importância e a responsabilidade das campanhas veiculadas sobre a temática das drogas. Também é objetivo do trabalho apresentar um recorte político, social e cultural das décadas de 1980, 1990, 2000 e 2010, na

¹ Campanhas anti-drogas ou proibicionistas são propagandas que alertam ao consumo de drogas.

tentativa de compreender as drogas como uma questão contextual e que está relacionada com múltiplas configurações sociais. Devido ao direcionamento do trabalho, não entraremos a fundo na pesquisa antropológica, mas utilizaremos das suas perspectivas investigativas para relacionarmos fatores que se tornaram representativos na mídia.

No que equivale à mídia referente às drogas, suas ações são múltiplas. Os interesses remetentes ao direcionamento da imagem possibilita uma gama que reproduz claramente os estereótipos higienistas da Guerra as Drogas, os discursos estigmatizados, e a dualidade traficante-usuário. Como Denis Petuco (2006) ressalta, a mídia só abre espaço ou para o “discurso desesperado”, do usuário que procura a reabilitação, de forma geralmente dramatizada, ou do “discurso heroico”, do “vencedor”, que encontra a “cura” e os preceitos básicos da família. De forma alguma, esses dois discursos podem ser trazidos, mas a mídia permeia uma responsabilidade social maior do que essas duas perspectivas.

“Um caso de polícia ou um problema moral é como geralmente a questão das drogas é percebida pela sociedade e pela grande imprensa.”, diagnostica a parceria entre a ANDI – Agência de Notícias e Direitos da Infância e o Programa Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde, com colaboração de jornalistas, redutores de danos, profissionais da saúde e usuários de drogas. Essa conclusão caracteriza-se pela cobertura jornalística, a reprodução de depoimentos de usuários, e por fim, nas campanhas de “combate” ao uso de substâncias ilícitas. Como ainda aponta o estudo datado em 2004,

Longe de confluir para um discurso único, resultado da polêmica que o tema costuma gerar, os debates serviram para reforçar ainda mais as convicções – essas sim, unânimes – de que a sociedade precisa discutir mais e profundamente a presença das substâncias psicoativas no contexto de vida de seus cidadãos. Para isso, entretanto, é fundamental abrir mão de preconceitos, buscando acessar as múltiplas visões existentes sobre a questão e encarando o usuário como um sujeito de direitos e deveres. (MÍDIA E DROGAS, 2000, p.4).

A dificuldade de debater a pauta das drogas na mídia também é refletida na sociedade. O espaço midiático para inserções longe de preconceitos e estigmas é necessário diante do tamanho do seu alcance. A propaganda “antidroga”, objeto principal deste projeto, é refletida como “omissa” diante da importância do debate. Desde os primórdios do lançamento da maior campanha de drogas até hoje, *Just Say No*, vivenciamos uma publicidade baseada no puro não, e no pouco entendimento dos processos que envolvem as drogas em variados âmbitos. Pelo fator da Guerra as Drogas atingir principalmente a população periférica, a classe média (variante de opinião, mas com bastante expressão conservadora) não estimula o debate nos âmbitos públicos, e desacredita-o midiaticamente pelo boicote a audiência.

Além do conservadorismo relutante, os fatores econômicos também se posicionam como forte combatente ao estímulo do debate sobre as drogas. Esse discurso tem um caráter político essencial na compreensão de como são classificadas as drogas. O documentário *Culture High* mostra a protelação para debater os malefícios da indústria do cigarro, do álcool e farmacêutica, levando em consideração as diferenciações dos processos dos EUA e do Brasil, os interesses econômicos funcionam da mesma forma. Essas grandes corporações hoje são cruciais para a economia englobada pela mídia devido a sua publicidade. As drogas lícitas são fortemente constatadas como malélicas quando o consumo é abusivo e, em muitos casos, pior do que as ilícitas.

Reportagens, estudos e pesquisas que apresentam essas contestações vão diretamente contra a economia privada brasileira, mas como permanecem dentro da lei respondem a níveis de preocupação ignorados por grande parte dos cidadãos, e continuam sendo usadas em grandes níveis de dosagem, como aponta Vilma Bokany (2015, p.14) "as drogas lícitas, como o álcool e o cigarro, são amplamente utilizadas ou possuem altas taxas de experimentação, embora sejam pouco identificadas como as drogas mais consumidas, devido à baixa associação das mesmas ao conceito "drogas", minimizada por sua legalização."

Essa representação midiática será questionada durante o percurso desta pesquisa, o qual pretende levar o questionamento sobre tais temáticas, seus recortes sociais e suas conexões mundanas variantes entre lícitas e ilícitas. Os capítulos discorrerão de alguns eventos de impacto cultural, associados, ou no mínimo importantes, para a formulação de uma ideia do cenário cultural e suas influências sociais. A propaganda antidroga veiculada pelos órgãos de saúde pública e ONG's será problematizada e analisada a partir da perspectiva teórica e metodológica do enquadramento.

O primeiro capítulo traz a perspectiva teórica e metodológica do enquadramento, a partir de autores como Gamson e Modigliani (1989) e Matthes e Kohring (2008).

O capítulo seguinte faz um recorte político, social e cultural das últimas quatro décadas e suas representações nas propagandas antidrogas. Este capítulo funcionará como uma ferramenta de acesso ao contexto social de suas próprias representações, no entanto, para melhor especificidade de suas exposições, ele se limitará as características de uma forma associativa simples e de relevância factual. Após o desmembramento de algumas características importantes na compreensão do processo das drogas, passaremos então ao capítulo três, onde analisaremos algumas propagandas veiculadas pelas mídias, utilizando o dispositivo da análise indireta do enquadramento (MATTHES & KOHRING, 2008; VIMIEIRO, 2010).

A temática das drogas causa primeiramente um estranhamento. Por que falar sobre drogas? Por que pensar no seu processo dentro da comunicação? As respostas dessas indagações se encontram em qualquer praça pública de uma cidade mediana. Não falar, não entender, é recriminar. Precisamos entender a dinâmica desse tabu para encontrarmos saídas, e até mesmo bonificações com um assunto que entrelaça vários campos públicos equivalentes a um bem estar social, livre de preconceitos e paradigmas. cremos que a missão primordial desta pesquisa é discorrer sobre o assunto de maneira atenta a suas representações. Os recortes temporais efetuados foram protagonizados por diversas mudanças características de cada época, o qual culminou também no relacionamento humano com as novas e velhas drogas, simultaneamente com os hábitos e as pré-disposições ao seu uso, reproduzidos a partir de determinada perspectiva de enquadramento midiático.

CAPÍTULO 1 – PERSPECTIVA TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA

Este capítulo irá explicar sobre os aspectos teóricos e metodológicos do enquadramento, aonde a estruturação dessa pesquisa está ancorada, na proposta apresentada por Gamson e Modigliani (1989). O conceito de pacote interpretativo (MATTHES e KOHRING, 2008) foi utilizado para compreendermos num panorama maior o processo de organização e designação de papéis sociais, legitimados pelas campanhas expostas no terceiro capítulo.

1.1. O enquadramento enquanto conceito teórico e metodológico

A perspectiva do enquadramento sofreu diversas críticas durante os 40 anos desde o trabalho de Goffman (1974). As críticas se concentraram na falta de fundamentação teórica e metodologia do enquadramento. Essas críticas resultaram no comprometimento de diversos autores, no começo dos anos 2000, de estruturarem conceitualmente essa área. O resultado obtido por esses autores foi uma delimitação das noções de enquadramento de forma a qual pudesse ser clara a variedade de suas noções e paradigmas. Goffman (1974) elabora seu conceito amparado pela pesquisa anterior de Bateson (1954). No seu livro *Frame analysis: an essay on the organization of experience*, o autor apresenta quadros referenciais gerais, estruturas cognitivas construídas socialmente que são acionadas pelos indivíduos para definir e dar sentido a eventos e situações sociais, organizando assim o que veem e experimentam na sua vida cotidiana.

Goffman entende que o enquadramento define a influência na realidade, permitindo a partir de seus mecanismos, “encontrar, identificar, localizar” o objeto de concretude da ideia. Dessa forma, podemos organizar o nosso entendimento de mundo, relacionando as variáveis situações deparadas do cotidiano com as referências específicas que encontramos. Em 2008, Matthes e Kohring apresentaram 5 abordagens metodológicas do campo de estudo do enquadramento aplicadas mais recorrentemente na mídia: *hermenêutica, linguística, holística manual, assistida por computador e dedutiva*. Essas abordagens surgem dentro do contexto de preocupação dos autores em deixar os *frames* mais contextualizados e menos subjetivos.

A perspectiva da hermenêutica, como aponta Vimieiro, A. C. e Maia, R. C. M (2011):

é adotada por diversos estudos que tentam identificar os enquadramentos através do fornecimento de uma avaliação interpretativa dos textos da mídia, ligando os frames

a elementos culturais amplos. Partindo de um paradigma qualitativo, esses estudos se baseiam em pequenas amostras que refletem o discurso de uma temática ou de um evento.

Está é a perspectiva adotada nesta pesquisa, pois buscaremos identificar, nas propagandas selecionadas, os enquadramentos propostos para compreender a droga.

A perspectiva da linguística, a premissa básica advém dos “tijolos” dos *frames*, palavras às quais ao serem identificadas conceituam a estrutura da ideia. Segundo Vimieiro, A. C. e Maia, R. C. M, “essa vertente se diferencia da hermenêutica pelo fato de os pesquisadores determinarem claramente os elementos linguísticos que significam um enquadramento, além dos pressupostos teóricos serem claramente diversos.”. Atentando para a mesma problemática da hermenêutica, o esclarecimento do reconhecimento do *frame* ainda permanece indefinido.

A holística manual é dividida em dois processos: primeiro, cria-se um manual no formato de um livro de códigos (*codebook*) a partir de uma análise profunda das notícias selecionadas. Logo após, o material é analisado de forma quantitativa baseado nos códigos já definidos primeiramente. Numa perspectiva metodológica, a problemática dessa perspectiva é a falta de critérios para captação dos *frames*, o qual sem determinação de regimentos específicos pode conseqüentemente cair numa “caixa-preta-metodológica”, como afirmam Vimieiro e Maia (2008, p. 238).

A perspectiva assistida por computador é mais preocupada com a criação e aplicação de métodos mais credíveis em relação às outras perspectivas. Ela conta com computadores no processo de mapeamento dos *frames*.

Assim, o mapeamento dos frames pode ser descrito como um método de encontrar palavras específicas que aparecem juntas em alguns textos e que tendem a não ocorrer juntas em outros (Miller e Riechert, 2001). Neste aspecto, entra a ajuda dos computadores. Essas recorrências de grupos de palavras são identificadas com o auxílio de algoritmos de agrupamento 3 (cluster algorithms). (VIMIEIRO E MAIA, 2011, p. 239).

O quinto método apresentado é a abordagem dedutiva. Única abordagem que identifica os frames na literatura e, posteriormente, os codifica em uma análise de conteúdo padronizada.

Matthes e Kohring ao apresentarem, em 2008, a análise indireta de enquadramento, identificaram uma análise minuciosa dos elementos que compõem os *frames*. Essa formulação de compreensão embasada nas conjunturas aqui apresentadas resulta no processo metodológico utilizado na composição desse trabalho. A fundamentação metodológica do enquadramento é capaz de criar um alicerce entre a problematização do tema e a estrutura

metodológica essencial para sua realização. Assim, os dispositivos de enquadramento direcionaram a identificação dos *frames*, ao mesmo tempo em que sua contextualização é possível.

Os dispositivos de enquadramento (Gamson e Modigliani, 1989) nos ajudam a “ler” e, estabelecem conexões, as quais são formadas ao longo do trabalho. Essa leitura será sistematizada pelos dispositivos que se relacionam, mas não obrigatoriamente aparecem em todas as análises, ou da mesma forma sequencial. O enquadramento indireto possibilita uma maior operacionalidade das definições, extraídas pelos dispositivos, *metáfora, exemplos, slogans ou chavões, representações e imagens visuais*.

Essas subdivisões apareceram organizacionalmente com o intuito da construção de uma linearidade da ideia central, “as drogas na mídia”, a partir de uma visão mais confiável e capturada também pelas perspectivas adjuntas a compreensão desse processo. A análise indireta de enquadramento se faz eficaz, pois segundo Vimieiro e Maia (2011) é uma metodologia que busca garantir maior validade e confiabilidade para estudos que optam por uma perspectiva de natureza mais cultural acerca dos frames.

1.2. Apontamentos acerca dos conceitos norteadores e das drogas

Este trabalho foi realizado a partir de uma noção de avaliação do cenário que envolve as drogas como um todo, mas primordialmente a partir da representação da mídia diante da temática. A Geografia Política das Drogas apresentada no livro de Rui Ribeiro de Campos (2014) norteou a parte de entendimento da composição ampla dos mecanismos que envolvem as drogas na nossa sociedade. Partindo de uma logística que conecta os principais fatores atuantes em nossa sociabilização, encontramos um fluxo suficiente para entendermos por etapas os processos que interferem, e são interferidos pelas drogas. Decisões políticas, notícias policiais, relações de valores e criminalização, podem ser detectadas entre os vários componentes que se somam na máquina econômica mundial, aonde também se encontra o mercado ilegal das drogas.

Para compreendermos as interligações mais próximas da lida diária das drogas, utilizamos a Jandira Mansur e E. A. Carlini (2004) numa busca apurada das constatações antropológicas notórias nessa relação: pessoas-drogas-mundo. A partir de suas observações no livro “Drogas – Subsídios para uma discussão”, levantamos uma argumentação sobre relativos efeitos das drogas na ilegalidade. Amparadas pelo Almanaque das Drogas de Tarso

Araújo (2014), conseguimos efetivar um glossário para o conhecimento básico das substâncias referentes, podendo dissertar acerca de suas propriedades e malefícios num quesito amplo do social. As drogas, ao entendimento desses autores foram compreendidas como uma problemática que divide o estado e a sociedade numa busca por uma “lida” melhor em vários setores. Perpassando pelo cenário de discussão sobre drogas, Denis Petuco (2006) foi o autor guia para incrementar este projeto com informações catalisadoras sobre o processo das drogas, do quesito político ao da saúde pública. Questões que vão além das drogas, mas que se encontram em campos homônimos, partilhados pelas suas relações diretas e indiretas.

Esses autores complementaram a busca do entender dos processos simbólicos e específicos ao livro, O Fim da Guerra, o qual deu ênfase a formação deste projeto. Esta pesquisa surgiu a partir do entendimento adquirido dos capítulos traçadores da definição caótica da Guerra as Drogas. Denis Russo Burgierman e Tarso Araújo oferecem suas obras relacionadas às drogas, aos seus filhos e, explicam que o único interesse de suas publicações é a resolução dos problemas atuais, ignorados pelas autoridades, ou até mesmo, disseminado de forma omissa pelos representantes públicos. Para um conhecimento mínimo das políticas relacionadas às drogas, Paulo Rangel e Carlos Roberto Bacila, com o livro “Lei de Drogas”, propuseram um conhecimento jurídico do cenário relacionado às drogas. A redução de danos, suporte pelo qual embasamos uma construção de projeto defensora de políticas públicas promissoras e "ousadas", teve seu referencial embasado além do próprio Denis Petuco, no livro, Drogas e Redução de Danos, da autoria de Maurides De Melo Ribeiro.

Utilizamos Vigiar e Punir, de Michael Foucault (2010), a partir do qual refletimos sobre os dispositivos de comando e suas compactações com os poderes. Como alicerce entre as notícias evidenciadas nesta pesquisa e os recortes sociais, Castells (1999) foi utilizado como referência para reforçarmos a ideia de trabalhar esta pesquisa relacionada à comunicação.

A matriz para criação de uma relação entre os capítulos que seguem, partiu do recorte temporal de cada década, salientando em cada uma alguma característica reproduzida que sobressaia com mais evidencia diante dos recortes midiáticos. As primeiras conexões foram visualizadas a partir de Manuel Castells (1999), partindo daí para formulações explanatórias sobre a cultura do medo, obtida também como consequência das análises de enquadramento midiático. O conceito de estigma e estereótipo é introduzido no último capítulo com o intuito de organizar um vínculo representativo, por meio do qual, partindo do enquadramento, detectamos com maior plenitude os elos que subsidiem as representações ofertadas nas campanhas antidrogas.

A primeira pergunta que deveríamos nos fazer para pensar sobre as drogas é “o que é droga”? Precisamos ir além do “diga não” e investigarmos suas propriedades de uma maneira desmistificada das convicções tradicionais. Saber da sua capacidade, o nível de malefícios a saúde, se tem benefícios, quem disse e por que disse. Realizar uma busca em todas as suas instâncias é um exercício de compreensão da magnitude do problema relacionado às políticas das drogas e, aqui, trabalharemos ele relacionado com a mídia e suas representações. Segundo Tarso Araujo (2014), quando realizado o questionamento sobre “o que é droga?”, “as pessoas provavelmente vão lhe responder com exemplos, em vez de critérios. [...] A maioria liga o termo à maconha, crack, à cocaína, ao lança perfume. Ou seja, entende que drogas são coisas proibidas”. Opinião conhecida popularmente em decorrência do debate num plano raso, de uma mídia que se priva do espaço de discussão sobre temas tidos como “polêmicos”, e de uma cultura popular enraizada nos dogmas do “faz mal e é contra a lei”, como resolução final de conhecimento.

A designação mais concreta que tomamos aqui da palavra “droga” é fundamentada pela farmacologia, onde a droga é “considerada qualquer substância capaz de alterar o funcionamento normal do organismo.”.

É a interpretação mais semelhante à dos gregos antigos, que usavam a palavra *phármakon* tanto para remédio como para veneno. Eles entendiam que nenhuma substância é boa ou má em si. O uso que se faz dela é que ditará suas consequências. [...] A Organização Mundial da Saúde (OMS) as define como substâncias “que afetam a mente e os processos mentais” em seu Glossário de Álcool e Drogas. (ARAUJO, 2014, p. 14)

Ainda existem as designações de lícitas e ilícitas, proibidas e liberadas pela lei. No glossário de álcool e drogas (2010, p.58), constituído através da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, encontramos o significado da expressão “droga ilícita” como “uma substância psicoativa, cuja produção, venda ou uso são proibidos”. Estritamente falando, não é a droga que é ilícita, mas sua produção, venda, ou uso em circunstâncias específicas a uma dada jurisdição. “Comércio de drogas ilícitas”, um termo mais exato, refere-se à produção, distribuição e venda de qualquer droga fora dos canais sancionados legalmente”. Novamente, precisamos dispor atenção para as palavras chaves, “venda” e “comércio”. Estas palavras são o norte do funcionamento do “esquema” das drogas no Brasil e no mundo.

A caracterização, segundo o glossário, para as drogas lícitas é “uma droga que está legalmente disponível por receita médica em determinada jurisdição ou, por vezes, uma droga legalmente disponível sem receita médica.”. Ou seja, sem restrição de comércio, tendo em vista as regulamentações da lei, como por exemplo, a venda proibida de bebidas alcoólicas a

menores de 18 anos. No entanto, não se nega a sua carga de risco para a saúde de quem as consomem. A partir desse pequeno recorte sobre os conceitos norteadores das drogas poderemos discernir suas especificidades quando expostas nos capítulos seguintes. Para embasarmos com maior direcionamento o trabalho, algumas substâncias serão compreendidas durante o capítulo dois, aonde um glossário de drogas entrará mais a fundo sobre a propriedade e os procedimentos que envolvem a substância mais utilizada em determinado período.

CAPITULO 2 – A SOCIEDADE, A MÍDIA E A POLÍTICA

Além das concepções metodológicas e do conhecimento acoplado sobre as drogas e suas relações, optamos por abordar algumas características estruturais da cultura da época, com o intuito de introduzir o assunto drogas de uma maneira conjunta a outras temáticas, tão discutíveis normalmente, como moda, música, e cinema. A desmistificação da pauta para obtenção de um debate livre de pré-conceitos é trabalhada aqui pela própria introdução do objeto juntamente a outras, relacionadas com adventos culturais tão transformadores e moduladores da nossa vivência, como corriqueiros assuntos dispostos em conversas por mesas de bares de todo país.

Este trabalho se limitará à comparação e a análise das campanhas proibicionistas das décadas de 1980 a 2010, num exercício conjunto de trabalho ao relacionar as campanhas conectadas com o histórico do seu tempo. A análise do panorama cultural será estabelecida a partir de um recorte antropológico através da constatação das notícias mais publicitadas das épocas referentes, o qual fornecerá ao trabalho um posicionamento do relacionamento entre a sociedade, a mídia e as drogas no cotidiano.

2.1. Contexto político-social dos anos de 1980: a estruturação do narcotráfico

A primeira década retratada neste trabalho começou com a concretização da primeira videoconferência da história das telecomunicações. Dos anos entre 1980 a 1989 aconteceram desde a fundação de um dos principais partidos que configuram o cenário político até hoje, o Partido dos Trabalhadores (PT), até o assassinato do “Beatle” mais famoso do conjunto britânico conceituadíssimo mundialmente. Essa década ficou famosa na cultura musical brasileira pelo nascimento de várias bandas que contestavam a política nacional e provocavam os “padrões morais”. O cenário político viveu o “Diretas Já”, o maior ato reivindicador da volta das eleições diretas para presidente da república. Os anos de 1980 não serão explicitados aqui devido ao tamanho de informações provenientes dele, porém, algumas associações que podem parecer abstratas, mas não são, servirão para auxiliarmos no processo de entendimento das drogas e suas relações com a sociedade.

A cultura nos anos 1980 foi resultado de variações na economia e desestabilizações financeiras mundiais, as quais atingiram principalmente os países tidos como “emergentes”.

No Brasil, o cenário cultural retratava esses fatores em seu cotidiano, misturando insatisfação, inquietação e música, refletidos em uma juventude que crescia se “revoltava”. Mesmo passando por diversas crises econômicas, o consumo dos computadores pessoais, CD’s, videocassetes e videogames demarcaram ponto numa nova dinâmica de cultura jovem que se estabelecia a partir da popularização destes e outros aparelhos digitais. Entre a mistura da “deflagração” do comércio dos aparelhos eletrônicos e a insatisfação política, a população jovial do país se via num cenário indeciso.

Com essa aproximação da cultura "pop" obtida através do novo panorama recreativo, as músicas e as produções cinematográficas consumidas passaram a dialogar com o mesmo público que presenciava as alterações políticas e as injustiças sociais, ligados ao meio acadêmico ou não, as festas e os encontros políticos começaram a fortalecer a identidade, e de maneira simultânea, a legitimar os movimentos políticos de "base". Castells (2000) entende por identidade a fonte de significação e experiência de um povo. Essas experiências passaram a complementar a identidade política dos jovens envolvidos com o meio da mesma forma que transformaram a própria forma de atuação política, que passou a ser disposta principalmente a partir de composições musicais, seguindo os passos da cultura de autores resistentes ao período da ditadura.

O crescimento de adeptos as movimentações políticas cresceu junto com a demanda de pautas, as quais os governos não atendiam. Diante desse cenário desfavorecido economicamente, e culminante quanto às movimentações de resistência social, a América do Sul como um todo recepcionava o modo combativo da lida com as drogas, legitimada pela mídia, oriunda do posicionamento dos Estados Unidos.

Precisamos entender que os prejuízos econômicos atingem em maior proporção sempre as classes mais vulneráveis da sociedade. Para muitos países andinos, distinguidos segundo as forças americanas, como produtores, reproduziu-se a tática da criminalização similar ao enquadramento de um usuário e um traficante. Colocando o usuário como vítima maior do sistema, e o traficante como agregador de todo mal e todos os problemas que envolvem as drogas. Essa referencia pode ser encontrada reproduzida pelos veículos midiáticos, até nas construções populares empíricas de “bem” e “mal”, que retornaremos diversas vezes ainda nesta pesquisa, devido a sua utilização continua durante os períodos analisados.

Enquanto a repressão sobre os países produtores é comandada pelos Estados Unidos, o que o próprio país produz é ignorado, como se todo o “problema” viesse de fora. Modo higienista remanescente do século XIX, o qual pretende intitular os EUA como vítima e herói

na “cruzada das drogas”, enfrentando tanto o que imigra para seu país, quanto às pessoas “responsáveis” pelo tráfico. Esse arsenal de medidas governamentais contra as drogas é endossado a cada ano por grandes quantidades de financiamentos público-privados. O estudo do professor Jeffrey Miron, do departamento de economia de Harvard, calcula que os Estados Unidos pouparia 50 bilhões de dólares com o fim da guerra as drogas.

Quando se procura na web sobre a década de 1980, encontra-se uma grande quantidade de notícias que a relatam como “década perdida”, devido às múltiplas crises financeiras vivenciadas nesse período. Enquanto a Guerra as Drogas começava a se configurar no mundo, a América Latina sofria uma estagnação econômica, e retração do PIB. O Brasil sofreu um encerramento no “ciclo de expansões” da década passada, as taxas internacionais de juros consequentemente acarretaram um crescimento da dívida externa em relação aos EUA. A década anterior ficou conhecida como o “milagre econômico”, e 1980 como o fim dele. Essa cultura que cresceu com os primeiros lançamentos dos clipes efetuados pela rede de televisão americana especializada em música, MTV, e as descobertas sensoriais e interativas feitas através do primeiro videogame do mundo, o Atari, também foi acompanhada pela formação do narcotráfico.

Logo, com a facilidade do acesso as substancias ilícitas, o consumo entre os jovens começou a crescer, e a cultura artística apropriou-se desse fator, dialogando por meio de suas próprias produções, que na maioria das vezes acrescentavam as drogas um simbolismo que iria justamente contra a repressão e a criminalização. Era 1980 e o Brasil se via na rota do tráfico internacional por vários motivos, mas principalmente, o geográfico. Nosso país divide fronteiras com os principais produtores de drogas da América do Sul, que para concretizarem suas transições, organizavam rotas de ligação para a Europa, passando pelo território brasileiro.

Diversas razões fizeram do Brasil um local propício às atividades de trânsito e exportação; entre eles: falta uma política séria e eficaz no combate a esse tipo de crime; o alto grau de corrupção em setores ligados a repressão; alguns cartéis de droga são mais organizados do que os organismos nacionais que os combatem; insuficientes condições de policiamento, com um efetivo muito baixo para vigiar fronteiras, portos e aeroportos; falta de pessoal especializado e de equipamentos adequados; e outros. (STEIMAN, 1995, P. 128).

As principais fronteiras de tráfico detectadas pelas autoridades federais ainda são Foz do Iguaçu, no Paraná, e Ponta Porã, no Mato Grosso do Sul. No entanto, as divisas territoriais de Ponta Porã não são concretamente observadas devido a grande quantidade de fronteira seca, ao contrário de Foz, que conta com uma fiscalização mais grandiosa, por ter se tornado a principal rota e, um limite geográfico natural, o rio que corta os países. Segundo dados da

ONU, o Paraguai é o maior produtor de maconha da América do Sul, e 80% da maconha encontrada no Brasil é proveniente deste país. Assim como outras drogas, as vantagens dessa operacionalização do tráfico vão muito além das “ajudas” geográficas. Esse comércio de drogas ilegais, “[...] tem o caráter de atividade transnacional, opera em escala global, mas seus lucros dependem ‘da localização geográfica dos lugares de produção e consumo, da existência de fronteiras nacionais e da legislação em cada estado nacional.’”(MACHADO,1996, p.26).

Tarso Araújo (2014) ressalta que “a economia global influencia a escolha de rotas e o tráfico influencia a economia dos países por onde passa.”. A partir dessa constatação, conseguimos associar porque as cidades de Ponta Porã e Foz do Iguaçu viraram sinônimo de lavagem de dinheiro. Artifício este que circula pelas cidades fronteiriças e pelos principais centros de aplicação econômica do país, na maioria das vezes fortalecendo a economia local, criando empregos diretamente e indiretamente ligados ao tráfico, injetando dinheiro ou fazendo circula-lo.

É o UNDCP (Programa das Nações Unidas para o Controle Internacional de Drogas) e não um grupo anticapitalista, que afirma: as organizações criminosas envolvidas com drogas ilícitas respondem às oportunidades criadas pela globalização da economia do mercado. A década passada viu grandes passos na desregulamentação bancária e na privatização dos negócios do Estado. (MAGALHÃES, 2000, p. 61).

O mercado das drogas emprega uma demanda que conta com dois grupos: as pessoas especializadas, encarregadas da formulação da droga, dos processos laboratoriais e componentes de mistura, como químicos graduados; os indivíduos que atuam no gerenciamento e, necessitam ter conhecimento sobre movimentações bancárias e esquemas financeiros, como contadores. O segundo grupo conta com pessoas “não qualificadas”, sem funções específicas nas organizações, e que muito menos verão as grandes quantias de dinheiro que roda diariamente nesse mercado, como as mulas¹ (pessoas que “atravessam” as drogas) e os "laranjas", utilizados constantemente para efetuação de processos bancários, empréstimo do nome e documentos para compra e venda de imóveis e bens materiais, encobrando assim, os verdadeiros efetuidores dos comércios. “Economia desregulamentada, “Estado Mínimo”, precarização crescente do emprego, endividamento e especulação financeira generalizados formam um campo fértil para a proliferação de redes ilegais da economia e de poder.”(HAESBANT, 2006, p. 60).

Nessa junção de “atributos favoráveis” ao tráfico, o risco instaurado envolvido nesse processo também revela a tona grandes precursores de cidades e economia local abastecidas por guerras, poder simbólico, disputas territoriais e trocas de informação. Os dados da ONU

mostram que o tráfico de drogas conseguiu abarretar um mercado maior do que o petróleo, ficando em segundo lugar nas transações mundiais, perdendo apenas para o tráfico de armas. “A droga movimenta cerca de 300 a 500 bilhões de dólares ao ano, perdendo apenas para o comércio de armas.”(BOND, 2010, Jornal Nova Democracia).

Essa “mão dupla” facilita a introdução de sistemas quase que, “ditatoriais” sobre as regiões comandadas pelas facções e organizações criminosas. “A criminalidade vem se expandindo na forma de uma territorialização perversa, pois o tráfico de drogas impõe os seus limites pelo uso da força e pela lógica do medo como estratégias de dominação”, explica Aiala Colares, que elaborou tese de dissertação intitulada 'Narcotráfico na Metrópole: das redes ilegais à 'territorialização perversa' na periferia de Belém”, cita Lucenilde Dantas Castro, em sua pesquisa na USP sobre cultura do medo.

Os anos de 1980 foi um ano revolucionário para as organizações capitalistas ilegais, concomitantemente quando o mundo “lícito” passava por diversos problemas, porém, não existe sucesso de um sem o interesse do outro. Assim, a teoria da Geografia Política das Drogas nos proporciona um viés onde podemos encontrar as conexões legais e ilegais de um mundo capitalista potencializado, em todos os setores, inclusive, no das drogas ilícitas.

Em outras palavras, a geopolítica das drogas não funciona sem a micropolítica da guerra cotidiana que se deflagra ao nosso lado. Não há geopolítica das drogas sem interesses da indústria bélica e bancos, sem estratégias de política externa, sem diplomacia, sem acordos internacionais, sem o proibicionismo que em nome da saúde de todos procura exterminar hábitos milenares, sem políticas de segurança pública que visam controlar, conter e, no limite, eliminar minorias étnicas e maiorias miseráveis. (Thiago Rodrigues, in LABROUSSE, 2010, p.13-14).

A partir de um posicionamento combativo, as informações disponibilizadas através da mídia sobre as drogas, sejam lícitas ou ilícitas, não advinham de uma formulação informativa, e sim de negação, não promovendo nenhum entendimento e tampouco estimulando uma busca capaz de contemplar ao menos o “necessário” para lidar com essas substâncias na nossa sociedade. No entanto, se imaginarmos que nos anos de 1980 elas eram muito mais abstratas e com baixo nível de confiabilidade, nem circulação, se torna compreensível como os EUA e, conseqüentemente o mundo sofreram uma epidemia de cocaína e crack. Droga que seguiu um fluxo econômico do mercado globalizado, atravessando fronteiras com auxílio do “líder” contra a guerra as drogas. Devido a interesses econômicos, vários órgãos comandados pelos EUA formavam “pactos” com narcotraficantes, milícias e guerrilhas em troca de interesses políticos. Um exemplo foram os governos que caíam e erguiam-se na América do Sul, sempre com muita intervenção norte-americana.

No final da década de 1980, quando Carlos Salinas de Gortari e George Bush chegaram simultaneamente ao poder, o narcotráfico tornou-se um negócio de altas finanças internacionais, e um pilar da economia mexicana por meio da penetração do dinheiro impróprio nas atividades produtivas legais, cuja parcela não negligenciável se tornou, hoje, dependente dele. Assim, a passagem da economia mexicana para o neoliberalismo, principalmente com a privatização de terras, que reacendeu a especulação imobiliária, e com a privatização das empresas nacionais, condição *sine qua non* para sua participação do mercado comum norte-americano, o Nafta, foi subvencionado pela droga. (LABROUSE, 2010, p.70).

Dênis Petuco (2007) em O Discurso como Estatuto de Verdade e o Dispositivo “Droga”, aborda sobre o “real” papel das drogas na nossa sociedade, nos fazendo pensar em linearidade com o questionamento regente deste projeto, “o que é droga? Pra que, e pra quem ela serve?”. Petuco questiona que “identificar um jovem por sua condição efêmera em relação a esta ou aquela substância é aprisiona-lo, é roubar-lhe o direito a uma subjetividade rica e ampla. É enquadrá-lo a partir de um pequeno aspecto da sua vida.”. Para Carneiro, (1994 p. 157) “A droga como objeto claro e definido, nunca existiu [...] a droga sempre foi antes de tudo um conceito moral”.

Essa conscientização dos artifícios simbólicos provenientes do nascimento do narcotráfico em relação ao dispositivo *droga* salienta o questionamento quanto ao posicionamento bélico, que em meio ao desconforto econômico sul-americano, depositou uma grande quantia de dinheiro público ao armamento de policiais especializados, que eram em sua maioria treinados e comandados por agentes das forças estadunidenses. Este panorama mais geral referente à década de 1980 estabelece essa prévia conexão com as políticas dos Estados Unidos, tendo em vista que o Brasil, neste período, tornara-se mero reprodutor do confronto assíduo contra os traficantes, e da aceitabilidade do entendimento de que a mídia hegemônica cumpria seu papel ao reportar as drogas como malignidade humana. "São muitos os fatores que influenciam na transformação de um fato em notícia. Alguém designa por motivos culturais, sociais, econômicos ou políticos qual acontecimento deve ser veiculado e de que forma ele deve ser abordado." (ARBEX JÚNIOR, 2001).

a. Glossário das drogas

As drogas da “moda” durante a década de 1980 foram a Cocaína e Crack. Essas duas contêm o mesmo princípio ativo, sendo o crack derivado da pasta base, elemento ativo da cocaína. Segundo o Almanaque das Drogas (2014, p. 294), de Tarso Araújo, elas também são

conhecidas como “pó, coca, branco, farinha, pede, brilho, bagulho, arroz, açúcar, neve, branquinha (cocaína), pedra, medusa, rocha, drinha, pelé (crack), mela, mel, melado (merla), paco (pasta base).”.

Rui Ribeiro de Campos nos trás que “existem 250 espécies de *Erythroxylum* no mundo, mas somente duas espécies sul-americanas contém cocaína: a coca e o epodú”. A folha da planta da coca sempre teve um caráter fundamental para a cultura dos povos latino americanos, principalmente nos locais de altitude, aonde a folha é consumida para minimizar os efeitos provocados pela altura, além da sua usabilidade medicinal, ela contém ferro e cálcio. A droga derivada da folha da coca passa por um processo trabalhoso até virar cocaína, como Araujo ressalta no Almanaque das Drogas (p. 296):

Os traficantes colocam as folhas secas e trituradas em uma ‘piscina’ de plástico. Depois, adicionam ingredientes para tirar qualquer acidez da mistura, mexem tudo com os pés e acrescentam um solvente oleoso, como o querosene. Aos poucos, a cocaína se difunde das folgas para o óleo. Então, a mistura é filtrada: as folhas são desprezadas, e o líquido, reservado. A seguir, adiciona-se ácido sulfúrico ao solvente com a cocaína diluída. As moléculas mudam de forma e se concentram no pequeno volume de água adicionada com o ácido. O solvente será reaproveitado, e a fase aquosa é separada e tratada com permanganato de potássio, para eliminar as impurezas. O líquido resultante, com a cocaína, é a água rica. Enfim, a adição de amônia neutraliza a acidez da água rica, e a cocaína volta a forma neutra, insolúvel em água. Como o recipiente só tem água, as moléculas da droga se precipitam no fundo. Essa massa é a pasta base, um extrato com 50% a 70% de cocaína. Ela é consumida assim ou refinada para ser vendida em pó (cocaína) ou em pedras (crack).

Essa “receita” varia conforme o acréscimo de substâncias que vão de farinha até vidro, colocadas com o intuito de aumentar o “rendimento” da quantidade adquirida da droga. Feita sem nenhum controle mínimo, esses acréscimo são o que aumentam definitivamente o risco do consumo da substância, pois como são feitos na ilegalidade, não se tem um módulo operante das suas composições, que fica a aval do mercado ilegal ponderar a pureza da droga. Além da farinha e vidro, pesquisas realizadas em São Paulo, por exemplo, apontam a descoberta de amostrar de açúcar, sais, pó de giz, talco, gesso em pó, e analgésicos.

A cocaína é uma droga estimulante que age no sistema nervoso, conhecida pelos efeitos que deixam as pessoas eufóricas, falantes, ativas, que variam dos sentimentos de confiança, agressividade. Ela aparece no mercado brasileiro majoritariamente como pó, inalado através de recipientes, como tubos de canetas e até notas de dinheiro. Segundo a Revista Superinteressante, que divulgou um estudo da Universidade de Massachusetts (EUA), o “uso das notas como canudo, para aspirar o pó, acaba contaminando quase todas as cédulas em circulação” no mundo.

O efeito da cocaína surge quase imediatamente à aspiração da droga, a qual também pode ser diluída para ser injetada na veia e até misturada ao crack (mesclado) para o fumo.

Como ressalta Tarso (2014, p. 295), grandes dosagens ingeridas podem causar “convulsões, derrames, paradas cardiorrespiratórias e overdose, além de infecções graves, no caso de uso intravenoso. O risco de overdose aumenta na combinação com outros estimulantes, remédios que aumentem a pressão sanguínea ou a sensibilidade a convulsões.”. O risco de dependência da cocaína é alto, principalmente se fumada ou injetada. “O uso excessivo de cocaína pode causar ou piorar distúrbios de movimento, popularmente conhecidos como ‘tiques nervosos’. Ocorre uma hiperestimulação do sistema nervoso que provoca espasmos musculares fora do controle.”.

O Crack contém o princípio ativo da cocaína, já que no seu processo: “a pasta base é misturada com água e soda cáustica. Quando a mistura é aquecida, forma-se uma camada de água e outra com a pasta base liquefeita. Ao esfriar a mistura, a cocaína líquida volta ao estado sólido e é partida em pequenas pedras de crack.” (Araújo, 2014, p. 296).. Essa substância desperta riscos mais rápidos do que a cocaína em si, levando em consideração que qualquer droga inalada pelos pulmões, se efetiva mais rápido do que pelas narinas.

No meio dessa Guerra as Drogas, num panorama mais atual, ouvia-se falar da “nova substância ilegal” que “matava” muito mais que a cocaína e o crack. Essa substância conhecida como Óxi, era o novo foco das políticas de internamento compulsório principalmente nos grandes centros. Tratada como a nova epidemia, os noticiários vigorosamente alertavam quanto ao consumo que se espalhava. De fato, muitas drogas alastram as ruas das cidades em qualquer horário do dia, mas não o Óxi, já que teoricamente, ele não existiu. Como Araujo (2014 p. 296) retrata, o Óxi “seria um tipo de crack feito com cal virgem e gasolina. Porém, testes de peritos da Polícia Federal em dezenas de apreensões de Óxi constataram que não existia uma nova droga. O que existe são amostras de cocaína em pó ou crack chamadas arbitrariamente de Óxi, já que elas tem exatamente a mesma composição química das ‘drogas velhas’.”.

2.2 Contexto político-social dos anos de 1990: o neoliberalismo e o mercado ilegal.

Neste item, como o que o antecede, disserta sobre acontecimentos interligados com a análise da geografia política das drogas. Nessa nova década, a Guerra as Drogas seguiu se fortalecendo num cenário mundial, pautando o combate agressivo, e a intervenção em países identificados pelas forças estadunidenses como “produtores”.

No dia 17 de janeiro de 1991, as forças armadas dos EUA invadem o Iraque com o apoio militar do Reino Unido, Polônia e Austrália. Nomeada como a Guerra do Golfo, a intervenção norte americana tinha como objetivo anunciado combater o inimigo sucessor do narcotráfico, a guerra agora era contra o terrorismo. Dois anos depois, o dia era 2 de dezembro, o ano era 1993. Nesse dia morrera assassinado o milionário colombiano conhecido como “El Patron”, em um bairro de classe média em Medellín, Colômbia. Pablo Emilio Escobar Gaviria, mundialmente conhecido como Pablo Escobar, foi um dos maiores narcotraficantes até os dias de hoje. Conhecido por sua política do “plata ou pluma”, ele deixará nos livros de história seu nome, que carregava consigo muita droga, dinheiro e mortes.

Em 1994, o Plano Real, apontado como solucionador da inflação é criado no Brasil. No cenário musical brasileiro, a palavra “maconha” é cantada em uma composição pelas vozes dos integrantes da banda Planet Hemp, banda a qual respondeu processos desde a apologia as drogas, até o desacato a autoridade. She-Ra, Caverna do Dragão e He-Man eram assistidos pela geração que cresceu numa década de transformações, inovações, e a alimentação dos sonhos de um futuro promissor. A instauração do plano real e a estabilização das taxas de inflação reformularam o modelo econômico brasileiro, que trazia junto a si, o modelo do Neoliberalismo, da supremacia do capital privado sobre o público.

O foco estadunidense ao combate as drogas não impediu que em 1996 a Califórnia aprovasse a regulamentação de venda e plantio da maconha medicinal, tornando-se o Estado pioneiro, referência em se estabelecer como grande centro detentor de redes, clínicas, cooperativas, e tratamento referente à maconha.

O Brasil, seguindo os passos do Neoliberalismo implantado no início de 1990, ganhou no governo seguinte, de Fernando Henrique Cardoso, um grande precursor das privatizações, acelerando a abertura econômica, fazendo com que as multinacionais estrangeiras se multiplicassem pelo decorrer da década. Diversas acusações sobre processo das transações econômicas foram apontadas na época, como segundo uma reportagem de Cláudio Mendonça, publicada em 09 de novembro de 2007, no site UOL: “Não são poucas as críticas sobre a venda do patrimônio público. Uma delas aponta ao fato de que o dinheiro arrecadado pelo Estado brasileiro, através da privatização, foi emprestado pelo BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social). Isto é, o governo financiou a juros baixos as empresas que ele próprio vendeu.”.

Nos anos de 1980, o tráfico de drogas se firmava na América do Sul, com a realização de várias conexões instauradas entre cartéis e organizações criminosas por todo o globo,

porém, com o sistema Neoliberal na década de 1990, abriram-se as portas para o capital externo, diminuíram os valores das matérias primas produzidas pelos países sul-americanos, tornando plantações de maconha e coca, negócios muito mais rentáveis para a população mais vulnerável da sociedade do que seus antigos afazeres. Os grandes “chefões” do tráfico manuseavam operações financeiras gigantescas, lavando o dinheiro, conhecido como “narcodólares” em paraísos financeiros como o Caribe, Uruguai, Argentina, Brasil, Suíça, EUA e Israel. Essas correlações que misturam dinheiro lavado, reformulações de trabalho, e atividades comerciais que funcionam num panorama entre o mundo lícito e o ilícito transformam ambos, e todas as outras relações adjuntas, como reitera Machado:

[..]A atividade ilícita pode gerar efeitos geográficos, como a alteração da estrutura populacional, a modificação do mapa de distribuição geográfica da população gerada por fortes processos migratórios, e o crescimento de cidades médias. Essas mudanças, por sua vez, engendram, entre outras coisas, uma modificação das estruturas de poder, tanto a nível local quanto regional e nacional. (Machado, 1996, p.24).

A geração jovem sul-americana dos anos 90 se incorporava as mudanças econômicas e políticas dessa época, ocupando espaço nos veículos midiáticos, com muita autonomia, através dos novos grupos que se organizavam diante dessas transformações democráticas. A politização foi um processo pelo qual os jovens passaram intensamente, ocupando ruas, organizando-se em grupos politicamente engajados, incentivando a economia solidária e, se fazendo visível através das bandas de rock, que incorporaram o espírito do processo e da crítica direta ao sistema em suas composições. Essa “indignação” proveniente da década passada passará a tornar-se objetificação social política, seguindo a definição de Castells, passaram a assumir o posto de identidade de resistência,

criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos.(CASTELLS, 2000, p.5).

Esses enfrentamentos, por mais que acontecessem em sua maioria num plano oral e pacífico, eram noticiados envoltos de trágicas constatações situacionais, referentes à cultura do medo. Sergio Francisco Graziano Sobrinho compreende a cultura do medo como "consequência ‘natural’, há uma ideologização que garante uma organização social rígida e hierarquizada, na qual “as classes subalternas, mais que compreender em nível da razão, foram (e seguem sendo) levadas a ver e a sentir seu lugar na estrutura social”.”.(2005, p.216).

A palavra “revolução” foi parar em camisetas, adesivos e pichações pelos muros dos grandes centros econômicos do país. Como ressalta Vanessa Moreira Sigolo em sua dissertação de mestrado, esse cenário resultante dos desprazeres vividos pelas classes mais baixas do panorama econômico estendeu-se pela maioria da América Latina, ganhando destaque no Brasil, Argentina, Bolívia, Peru, Equador e México.

O debate sobre democracia, centrado na preocupação com a estabilidade das instituições e os processos formais do sistema político, coloca em plano secundário os movimentos sociais e as relações entre cultura, política e sociedade. No Brasil e na Argentina, de forma praticamente simultânea nos anos 90, trabalhadores criaram organizações econômicas coletivas e autogestionárias, denominadas organizações de economia solidária, em contexto de reestruturação produtiva e de revisão de projetos revolucionários.. (SIGOLO, 2007, p.8).

No Brasil, o Movimento dos Sem Terras (MST) conquistou uma identidade bem formulada e visibilidade, pelas suas pautas, suas lutas e suas conquistas. A reforma agrária, principal reivindicação do movimento, divide opiniões até hoje entre latifundiários, movimentos sociais e os representantes do governo. Na Argentina, em 1996, nascia “los piqueteiros”, grupo formado por trabalhadores desempregados que foram a ser demitidos da empresa petroleira argentina YPF (*Yacimientos Petrolíferos Fiscales*). Suas reivindicações tomaram empasse mediante a crise econômica que começava a agravar vários setores do país.

Outras movimentações se aglomeraram na América Latina resultante das variações políticas e econômicas, no contrapé do narcotráfico que, aproveitando-se das recessões, proporcionava mais vantagens econômicas para os trabalhadores desempregados e camponeses das regiões rurais, expandindo seus negócios. O fluxo do dinheiro injetado na economia pelas transações que o “transformavam” em dinheiro legal fazia com que os narcodólares circulassem e aparecesse nas vistas da economia familiar como a “saída” para o desemprego e a pobreza.

b. Glossário das drogas

Os jovens dos anos 90 ficaram conhecidos como “geração X”, intitulada por ter crescido após a Segunda Guerra Mundial. Caracterizada por uma determinada “tensão” quanto ao seu futuro, esses jovens apropriaram-se da cultura da música eletrônica que se espalhava pela Europa e Estados Unidos para a utilização de drogas sintetizadas em laboratórios, conhecidas como “design drugs”. Facilmente a conexão rave-drogas era implantada cotidianamente pelo mundo, disseminando a droga da moda, o ecstasy. As drogas conhecidas como “design drugs” provêm em sua composição de processos químicos,

substâncias compostas em laboratórios que vão desde os improvisados nos fundos de casas, até os propriamente construídos por traficantes “investidores”, conseqüentemente, detentores de uma grande quantia de dinheiro.

Segundo a reportagem publicada em 24 de julho de 2014, no site MedClick:

O gabinete sobre Drogas e Crimes das Nações Unidas calcula em mais de 9 milhões os usuários de ecstasy em todo mundo. A vasta maioria dos consumidores são adolescentes ou jovens adultos. [...] Segundo o VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública e Privada nas Capitais Brasileiras, realizado em 2010, 2,6% dos jovens de 17 e 18 anos de idade já usaram ecstasy pelo menos uma vez na vida.

Como Tarso Araújo aborda no Almanaque das drogas, o Ecstasy também é conhecido pelas suas derivações, “MDMA, MDA, MDEA, MDAI, Bala e Pastilha”. O MDMA é a sigla do princípio ativo da substância *metilenodioximentafetamina*, “droga sintética criada em 1912 pelo laboratório Merck”. Tarso ressalta que a droga “é um tipo de anfetamina, mas costuma ser tratado separadamente por ter efeitos distintos, como alguns tipos de alucinação e aumento da empatia. Este último faz o ecstasy ser chamado de ‘empatógeno’, ao lado de substâncias semelhantes, como o MDA.” (ARAÚJO, 2014, p. 301).

O ecstasy tem o mesmo formato de um comprimido usualmente comprado nas farmácias, e como Araújo nos traz, “seus efeitos aparecem em até 30 minutos e duram de seis a oito horas”. A droga é comumente associada às festas raves, pois seus efeitos são estimulantes:

Além de deixar os sentidos aguçados, especialmente a audição e o tato, o que explica sua associação com pistas de dança. A droga também deixa as pessoas mais afetivas e emocionalmente sensíveis, daí o apelido de ‘droga do amor’. Apesar disso, as pessoas têm mais dificuldade para ter um orgasmo. Outros efeitos comuns são aumento de pressão, do ritmo cardíaco e da temperatura corporal. (...) As *bads trips* mais comuns são crise de pânico e ansiedade. Às vezes as pessoas tem dificuldade para sentir prazer um ou dois dias após o uso da droga – o que os usuários chamam de “blue Tuesday” (terça feira triste). (ARAÚJO, p. 301, 2014).

Em grandes dosagens, essa droga pode aumentar a temperatura corporal, combinando com desidratação e atividade física intensa, isso pode causar crises renais, hepáticas e cardíacas. “As mortes associadas ao ecstasy estão relacionadas ao uso simultâneo de outras drogas e normalmente são causadas por hipertermia ou consumo excessivo de água. Para não superaquecer, algumas pessoas exageram – em 1995, uma jovem britânica morreu a beber 7 litros de água em 90 minutos.” (ARAÚJO, p. 301, 2014).

2.3. Contexto político-social dos anos 2000: os EUA e a sede por guerras

O primeiro século do milênio começou alimentando a superstição popular, que se dividia entre a teoria do fim do mundo, e a renovação da esperança dos anos 2000. Essas superstições poderiam ser consequência dos acontecimentos que vinham se desenrolando ao longo do contexto. As heranças eram de crise, guerras, intervenções militares, problemas econômicos, políticas repressoras, mas também de estabilizações monetárias, formação de movimentações sociais, e a vitória presidencial, pelo primeiro metalúrgico, descendente do movimento sindical, militante de um partido esquerdista, Luiz Inácio Lula da Silva.

Num bairro da zona Sul do Rio de Janeiro, por volta das 12 horas, no dia 12 de Junho do ano 2000, era transmitido ao vivo pela televisão brasileira, a tragédia que ficou conhecida como “ônibus 174”. O sequestro que se tornou referência do histórico de violência do Rio, também acarreta lembranças por ter sido considerado pelas análises de segurança pública como uma intervenção caótica da polícia. O desfecho desse atentado teve duas mortes, entre eles, uma vítima do sequestrador, e a outra, o próprio sequestrador, morto asfixiado pela polícia no caminho ao hospital. Nessa época, a “cidade maravilhosa” vivia publicamente para o mundo uma posição crítica de violência, proveniente diretamente da guerra entre o Estado e o tráfico de drogas.

Na manhã de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, parte do pentágono era atingido por uma aeronave, simultaneamente ao evento o qual duas torres, dentre as maiores de Nova York, eram atacadas por mais duas aeronaves. Neste mesmo dia, um quarto avião aterrissava na cidade de Shanksville, no estado da Pensilvânia; interceptada, a aeronave não atingiu seu alvo, que ficou desconhecido. Essa eventualidade matou 227 civis e mais os 19 sequestradores suicidas, do grupo al-Qaeda, que contava com o importante componente, Osama Bin Laden. Osama, que já havia compactuado com programas intervencionistas contra os inimigos norte americanos, tornou-se um dos principais fugitivos do mundo, colocando o terrorismo como principal inimigo, e a invasão ao Iraque como “solução”.

No ano seguinte, em 19 de março, os Estados Unidos da América invadiam o Iraque novamente, o presidente era George W. Bush Jr. A guerra a qual vinha para “proteger” o mundo contra o terrorismo mostrou o tamanho da capacidade bélica dos EUA para o que viesse pela frente nesse novo milênio. No Brasil, o site UOL divulgou uma notícia em 21 de maio de 2011, assinada por Gabriel Sousa Eliaz, que descreve os esforços da polícia, provenientes desde a década de 1980, para cobrir a área concentrada no norte de Pernambuco, conhecida como *Polígono da maconha*. Segundo, Rui Ribeiro de Campos, ela é “[...] situada

ao longo do vale dos rios São Francisco e Pajéu. Ficou famoso com o caso, conhecido como Escândalo da Mandioca, em que alguns produtores utilizaram financiamento do Banco do Brasil para o plantio de maconha.”(p. 120, 2014).

Novamente, reafirmamos que a compactação de dados é feita para alcançarmos uma análise mais completa sobre as drogas, dissertando sobre alguns fatores envolvidos com a temática através da plataforma midiática. Como acompanhamos, nas últimas duas décadas, o sistema do tráfico de drogas ilícitas, depois de se adaptar as “oportunidades” neoliberais, chegou nos anos 2000 completamente bem estruturado. Essa solidificação remetia ao “grande” tráfico, aos cartéis, as injeções financeiras, as lavagens de dinheiro, e as conexões política-sociais que eram realizadas. Essa movimentação, seja por estratégias de lavagem de dinheiro ou por injeção direta em móveis e bens de consumo tornaram a encher os cofres da burguesia que lucrava com os gastos exorbitantes dos chefes do tráfico e, conseqüentemente, acabava se envolvendo nas negociações, seja por apoio explícito ou indireto.

Prendem ou matam uma liderança e logo depois surgem outras, porque o mercado permanece grande. A classe média compra nas bocas, a elite se utiliza de “aviões” (que recebem pedido no celular e entregam em mãos) ou dos serviços de “disque droga”. Esse pessoal reclama da violência que essa guerra provoca e é a favor de uma polícia mais dura com os pobres. Entretanto, essas pessoas não deixam de comprar nas “bocas de fumo” a droga que lhes dá prazer ou que já causou dependência. (CAMPOS, 2014, p. 131).

As associações resultantes da parceria “mundo legal-ilegal” se fortaleceu também no meio político, geralmente por participações omissas ao determinado cargo exercido perante aos olhos da comunidade. Como afirma Arbex Júnior, “[.] foram acumuladas evidências que funcionários da Câmara dos Deputados, aproveitando as regras de ‘imunidade’, tinha transformado dependências do Congresso Nacional no maior ponto de venda de cocaína da capital.”(1993). Segundo o jornal do Brasil, de 1 de março de 1993, “metade da cocaína que chega a Brasília é consumida na própria cidade”. Brasília, a qual é conhecida por sua centralidade obtida de “cidade modelo” que, convive rodeada de cidades satélites, aonde a guerra às drogas é vivenciada juntamente as instalações precárias da população, previamente marginalizada, devido ao seu conglomerado social.

No cenário mundial a Guerra do Iraque ocupava os noticiários relatando novas invasões, mortes, conflito e destruição. Uma estimativa não oficializada calculava uma estimativa de 100.000 até 500.000 mortes, até a retirada oficial das tropas norte americanas em 2011. Sobre a acusação de que o então governante, Saddam Hussein, estaria confeccionando armas de grande porte, e que, o mesmo teria conexões com a al-Queada (sem

confirmação), os EUA, com apoio do exército britânico deu início a maior guerra dos anos 2000. Muito se atenua sobre as verdadeiras intenções da intervenção dos Estados Unidos no Iraque. Da mesma forma que as forças norte-americanas invadiram os países sul-americanos, pautados no combate contra o narcotráfico.

Dentre as razões apresentadas, fica a indagação sobre, como os EUA, sendo o maior produtor da indústria de armamento, contendo uma jurisdição tecnicamente aberta para o porte de armas de fogo, sem muito exigir da população, mensura as ameaças mundiais nesse aspecto? "Os Estados Unidos são a única grande potencia a utilizar sistematicamente a guerra contra as drogas como instrumento de seu intervencionismo"(LABROUSE, 2010, p.33).

Por mais que as drogas não sejam diretamente ligadas a essa guerra, vale o parâmetro para o mesmo mercado negro que a aproxima da criminalidade. É muito comum que tanto o comércio de drogas, quanto o comércio de armas seja efetuado pela mesma rede de compras e vendas, na ilegalidade. O lucro dos grandes traficantes de drogas é direcionado para o acréscimo do arsenal, que será utilizado para realização de assaltos, sequestros e auto proteção do seu negócio. Partindo do entendimento que o ramo do mercado das drogas é transnacional, esse comércio que se efetiva a partir de uma demanda crescente, rentabiliza dinheiro e benefícios apenas para quem participa do mesmo. Quanto mais drogas venderem, mais armamentos poderão comprar, e mais drogas serão efetivas e colocadas nas ruas, seguindo o fluxo do mercado capitalista.

A questão das drogas, como afirma Rodrigues, é responsável por um grau de violência intranacional, "Que gera em toda sociedade na qual é ilegal.". Salientada pelo próprio sistema omissivo a sua regularização, o autor ainda reintegra que, "Desse modo, ao longo do século XX, duas demandas não cessaram de crescer: de um lado, por drogas psicoativas, de outro, por leis e medidas de repressão. As leis vieram e o mercado ilícito de drogas foi instaurado."(RODRIGUES, p.131, 2002).

c. Glossário das drogas

"Fui na rua pra brigar, procurar o que fazer. Fui na rua cheirar cola, arrumar o que comer. Fui na rua jogar bola, ver os carros correr. Tomar banho de canal quando a maré encher." (Nação Zumbi – Quando a Maré Encher).

Na década de 2000 as ruas se tornaram aquém de uma disputa de espaço entre aglomerações de pessoas e carros. Os centros das grandes capitais foram amplamente ocupados por moradores de ruas, usuários de drogas e pequenos traficantes. Sem nenhuma

interferência de órgãos reguladores, os jovens periféricos são os mais expostos a tamanho agravante, tendo em vista que, traficantes não pedem identidade e nem ponderam a quantidade de substâncias ilícitas vendidas aos seus usuários, sendo ele menor de idade ou não. Além dos aditivos misturados nas drogas, sem nenhuma regulação e nem controle, visando o aumento da quantidade da substância pelos seus vendedores, vários outros componentes que podem agravar a reação podem ser incorporados à mesma.

A década de 2000 que convivia com um grande montante de usuários de drogas ilícitas, teve uma onda de usuários infantis. Crianças, adolescentes e jovens, desfavorecidos por desfechos sociais, ocupavam as praças e esquinas a procura das novas drogas da “moda”, os inalantes. Como Masur e Carlini trazem no livro *Drogas, Subsídios para uma Discussão*,

Um número enorme de produtos comerciais, como aerossóis, tintas, vernizes, propelentes, colas, esmaltes, removedores, tem sua formulação várias substâncias químicas voláteis (que se evaporam facilmente), que são os solventes presentes em tais produtos. Esses solventes, por evaporarem facilmente, são inalados voluntária ou involuntariamente (por exemplo, os trabalhadores de indústrias de sapatos, expostos cronicamente aos vapores dos solventes das colas no ambiente fechado das fábricas). (MASUR, CARLINI, p. 74, 2004).

Essas drogas derivadas de solventes chamam muita atenção e preocupação pelo fator da porcentagem da pouca idade dos usuários.

Assim, em um levantamento feito na cidade de São Paulo, em 1986, constatou-se que 23,4% dos estudantes de 1º grau entrevistados já haviam experimentado algum solvente, contra apenas 3,6% que haviam fumado maconha. Com as crianças de rua, a situação era dramaticamente pior: 77,5% já haviam usado inalantes, sendo que muitos o faziam numa base diária. (MASUR, CARLINI, p. 75, 2014).

Os componentes e formas mais utilizadas dos inalantes são conhecidas como cheirinho da loló, lança-perfume, cola de sapateiro, acetona, fluído de isqueiro, gás do riso, gasolina e benzina e o desodorante comum. Como Tarso Araújo descreve, “Essa é uma categoria de drogas que tem em comum o fato de serem gases ou líquidos que evaporam facilmente em temperatura e pressão normais de serem consumidas por inalação.”. Facilitando o acesso desde a obtenção até o consumo da droga, que pode ser utilizada rapidamente sem a necessidade de recipientes, cachimbos, seda ou isqueiro. “Geralmente são substâncias do uso doméstico, que nunca foram pensadas para consumo humano: colas, solventes, combustíveis, tintas etc.”.

Propriamente, o efeito de cada inalante varia, porém, age depressivamente na mesma região do sistema nervoso central quando ingerida, causando sedação. Seus efeitos costumam ser divididos em quatro fases:

Na primeira (a desejada), os inalantes causam euforia, tontura e distorções visuais e sonoras (como ouvir “sininhos”), além da náusea e tosse. Na segunda, a sedação

crece, e a pessoa fica confusa, desinibida e com voz pastosa. A visão pode ficar embaçada, e a pele, pálida, e é comum ter dor de cabeça. Na terceira, a pessoa perde os reflexos e a coordenação motora e não consegue andar direito. Na última fase, a mais perigosa, a pessoa “apaga”, e a respiração fica tão lenta que ela pode morrer. Raramente o efeito pode ser estimulante e causar convulsões. (ARAÚJO, p. 304, 2014).

Apesar da grande aproximação destas drogas com a juventude em geral, elas afetam majoritariamente as crianças e adolescentes das classes periféricas da sociedade. O seu contexto social é o fator que deixa o jovem em maior vulnerabilidade diante as drogas. A fácil obtenção desses químicos, a baixa expectativa de ascensão social, e a presença significativa e cotidiana com a criminalidade em regiões da cidade, facilitam a introdução dos menores de idade no contexto das drogas como um todo. “A inalação voluntária desses solventes é um fenômeno que ocorre em diversas partes do mundo, principalmente por crianças e adolescentes de países subdesenvolvidos ou por populações sócio-economicamente marginalizadas dos países industrializados (exemplo, crianças índias no Canadá, e Estados Unidos).”. (MASUR, CARLINI, p. 74, 2014).

Os riscos imediatos na inalação dessas substâncias, “especialmente os anestésicos e os solventes, como cola e aguarrás – é extremamente perigoso. Eles podem matar de diferentes maneiras desde a primeira dose. As mortes mais comuns são por arritmia cardíaca ou asfixia. A sedação também provoca desmaios e quedas, que podem causar acidentes graves. Outro perigo são explosões e incêndios, já que muitas dessas substâncias são extremamente inflamáveis.”. (ARAÚJO, p. 304, 2014). Após o Álcool, que fica na frente com 78%, e o tabaco com 24,3%, os inalantes se tornaram a terceira droga mais utilizadas entre estudantes de 15 e 16 anos de idade, com 10,8%¹.

Como Tarso ressalta sobre os riscos dessas substâncias, “De acordo com o inalante usado, as pessoas precisam aumentar a dose com um a dois meses de uso regular para obter o efeito das primeiras experiências. Além da tolerância, o uso repetido de alguns inalantes também causa síndrome de abstinência, com dores de cabeça, tontura e fraqueza. O uso compulsivo e descontrolado, porém, só é comum em grupos vulneráveis, como os menores de rua.” (ARAÚJO, p. 304, 2014).

Essas drogas merecem atenção social pelo envolvimento dos contextos sociais dos seus maiores usuários. Se a cocaína e o ecstasy são efetivados em laboratórios, circulando em classes sociais com poder aquisitivo maior, os inalantes e solventes encontram-se mais presentes nas classes mais pobres da população. Por mais que a criminalização das drogas seja prejudicial em todo o panorama, pela falta de órgãos reguladores do seu processo, estas

substâncias apresentam características muito mais desprovidas de controle do que as que os usuários de drogas mais “elitistas” podem encontrar em suas composições.

2.4. Contexto político-social dos anos 2010: políticas progressistas

O ano de 2000 elegeu a primeira mulher presidenta do Brasil, começando com o índice alto de desemprego e vivenciando a agitação no Oriente Médio. Dilma Rousseff, no dia 1 de janeiro de 2011 tomava posse. Era ela a mulher que governaria por dois mandatos repletos de problemas financeiros, acusações de corrupção dentre os compositores do seu governo e, por mais que superficial, das opiniões públicas e da vulnerabilidade do julgamento de seu governo pelos usuários das redes sociais. As informações se tornaram múltiplas, consequência da conexão móvel e aberta que as novas plataformas subsidiem. Os velhos espaços políticos continuam a ser disputados, no entanto, com uma diferença bastante significativa, a necessidade de incluir-se em outro espaço de discussão, o “online”. “O espaço do movimento é sempre feito de uma interação do espaço dos fluxos na internet e nas redes de comunicação sem fio com o espaço dos lugares. (Castells, 2013, p. 160).

Em 2012, o presidente Barak Obama se reelege mais uma vez ao cargo de “homem mais importante do mundo”, ou seja, presidente dos Estados Unidos da América. Enquanto o Nordeste enfrenta a maior seca de todos os tempos, a presidenta sancionava a lei federal, a qual determinava a designação de 50% das vagas nas universidades federais brasileiras para o sistema de cotas, viabilizado pela efetuação do ENEM. A Copa do Mundo realizada no Brasil movimentou a economia e estatizou um país que se adaptou para assisti-la. No contrapé da euforia, as manifestações se transformaram por mais de uma vez, em cenário de guerra da porta pra fora dos estádios. O movimento “não vai ter copa” demarcava a insatisfação de uma parte da população quanto aos investimentos designados para a efetuação do evento, enquanto o país ficava muito longe do “padrão fifa” nos hospitais, escolas e favelas e programas sociais.

Essa década ainda não concluída será retratada numa perspectiva disposta a conectar ligações importantes desses cinco anos com a política de guerra as drogas e as perspectivas midiáticas. Em pleno 2015 muitos Estados regulamentaram o consumo da maconha, droga retratada neste capítulo, que tem como um potencial todo um mercado preparado nos moldes da demanda e do consumo para proporcionar produtos variados ao seu público. Existem as relações de espaço monetário como a indústria dos remédios, principal rival no processo de legalização; da medicina, pois foram anos de corrida a procura de novas medicações que

possam amenizar efeitos extremos de doenças graves, como o câncer e a esquizofrenia, encontrados na maconha. E da discussão do direito pessoal do usuário, que leva a uma discussão em fatores sociais, tanto de riscos quanto de benefícios.

Esse sistema globalizado nos proporciona conhecimento e uma gama de informações, que podem surgir de várias mídias discordantes de opinião. A quantidade de notícias transmitidas sobre os acontecimentos provenientes da população ocupam variada gama de enquadramento, mediante os interesses a serem exibidos nas reportagens. Entre os mais disseminados, a Primavera Árabe não foi um movimento eclodido rapidamente, nem tão pouco, uma manifestação desintegrada das outras que tomaram conta do mundo, já que, a maioria delas, teve início por consequências de governos omissos, corruptos, ou no mínimo, problemáticos em relação às classes mais vulneráveis. A Primavera Árabe aconteceu pelo Oriente Médio e ao norte da África a partir de 18 de dezembro de 2010. Houve guerras civis, na Líbia e Síria, grandes protestos em Argélia, Bahrein, Djibuti, Iraque, Jordânia, Omã e Iémen, acompanhados de menores protestos em Kuwait, Líbano, Mauritânia, Marrocos, Arábia Saudita, Sudão e Saara Ocidental, e também duas revoluções, na Tunísia e no Egito.

Essas manifestações contra os seus representantes tem respaldo nas políticas má efetivadas dos seus governos, reivindicadas a partir de uma preocupação aonde unidos pelas plataformas, a partir de concepções adjuntas, puderam formular uma maneira de organizar-se em prol de melhorias populacionais, como reintegra Castells, "as pessoas só podem desafiar a dominação conectando-se entre si, compartilhando sua indignação, sentindo o companheirismo e construindo projetos alternativos para si próprias e para a sociedade como um todo."(1999, p.166).

O planejamento de medidas que correspondam às necessidades apresentadas é o mínimo que se espera de um governo consciente. Seguindo esse viés, o presidente José Alberto Mujica Cordano, popularmente conhecido como Pepe Mujica, enquanto governante do Uruguai, regulamentou o consumo de maconha para cidadãos uruguaios, aprovou a lei do matrimônio igualitário e descriminalizou o aborto. Em uma entrevista de Adriana Mompean divulgada pela revista online *Calle 2*, no dia 24 de novembro de 2015, o ex-presidente uruguaio afirma: "O que fizemos foi legalizar a realidade.". Em um dos mandatos mais progressistas da América do Sul, Mujica assumiu a responsabilidade básica de analisar as problemáticas do seu país com olhares honestos. Homologar a descriminalização da maconha no Uruguai não aumentou o consumo¹, segundo o estudo liberado pelo Conselho Nacional de Drogas (JND)¹. Após a legalização do aborto, "a desistência de abortos cresce 30% no Uruguai", anuncia a matéria da página online da revista Fórum² de 30 de março de 2015.

Essa política assistencialista é amplamente criticada pela igreja católica e até contrária, no caso da maconha, a cartilha das Nações Unidas quanto à ratificação como norma a repressão contra as drogas. O ex-secretário geral da Secretária Nacional de Drogas do Uruguai, Julio Calzada, em uma entrevista a revista Carta Capital, publicada no dia 2 de julho de 2015, afirma que “A regulação uruguaia, pelo contrário, é uma política social e de saúde que pretende regular as consequências do uso de maconha como acontece com o tabaco e o álcool. Assim, priorizamos não apenas as liberdades individuais, mas também as liberdades coletivas.”.

Pautados numa política progressista, o Estado do Uruguai conseguiu em pouquíssimo tempo “obter” o controle sobre grande parte dos comportamentos que aconteciam na ilegalidade do país. Esse assistencialismo que proporciona medidas de redução de danos em vários setores sociais confronta diretamente a política oposicionista e bélica americana quanto à pauta drogas. Barak Obama, ao se reeleger, encontrou várias manifestações a favor da regulamentação da lei em relação à maconha no próprio EUA. No dia 2 de julho de 2015, a página do G1 veiculou a matéria a qual anunciava o Oregon como o quarto estado a descriminalizar o plantio e o uso de maconha “recreativa”. Num estado com aproximadamente 4 milhões de pessoas, 56% dos eleitores, por meio de um referendo, votaram a favor da Medida 91, legalizando assim, a maconha, somando o Oregon ao “time” dos estados anti-proibicionistas de Whashington, Colorado e Alasca.

Obama, atual presidente dos Estados Unidos da América, já se pronunciou contra determinados fatores da Guerra as Drogas, e numa entrevista realizada pela revista *The New Yorker*¹, ressaltou, "Como já foi revelado, fumei maconha quando era garoto e considero um hábito ruim e um vício, não muito diferente dos cigarros que fumei quando jovem e até uma idade avançada na minha vida adulta.". Nessa mesma entrevista, o presidente ainda atentou para a criminalização mais ativa dos usuários pobres e negros, em relação aos usuários brancos, e de classes mais elevadas.

Ainda em 2010, o presidente conseguiu que a Casa Branca protocolasse uma lei de caráter progressista, liberando 12 mil presos no país². Rui Ribeiro de Campos, ao analisar o governo dos Estados Unidos, salienta que mesmo com o presidente “aberto” a reformulação de novas políticas não pautadas na repressão, os EUA ainda são a caricatura da Guerra as Drogas que, é deliberadamente alicerce da sua economia, seja nos incentivos privado-públicos, seja nas próprias políticas internas de financiamento pró-guerra.

De qualquer maneira, o governo estadunidense tem conseguido alguma coisa: que o narcotráfico substitua” “[...] claramente o chamado ‘comunismo internacional’ no papel de o grande dragão da maldade que o ‘santo guerreiro’ da Casa Branca deve

combater.” (ARBEX JR. p. 56, 1993). “E alguns governos utilizaram o pretexto do narcotráfico para receber ajuda financeira e militar dos EUA; daí a colocação de grupos guerrilheiros como narcotraficantes, mas parte significativa desse dinheiro foi desviada. (RIBEIRO, p. 106, 2014).

Num panorama amplo, como é todo o que envolve as políticas de drogas, nacionais e internacionais, entendemos que as arrecadações governamentais destinadas ao combate ao narcotráfico são o encaixe das ferramentas de arrecadação de verba dos EUA. A mesma iniciativa que teoricamente contribui para o controle, também distribui artifícios para o crime organizado, desde os armamentos, muitos produzidos por empresas bélicas norte americanas, até influências políticas, as quais defendam seus interesses dentro dos próprios órgãos do Estado. Essas associações perpassam desde a política de alto escalão do governo americano, até policiais que recebem pequenas quantias para “não estarem, ou não saberem” de uma determinada movimentação de drogas. Como afirma Rui Ribeiro Campos sobre as redes ilegais, as quais, “muitas delas correspondem a circuitos de poder profundamente integrados ao sistema legalmente conhecido.”.

Esse campo adjunto de acontecimentos dividiu espaço com os promissores avanços no cenário da maconha medicinal, aonde alguns países abdicaram da rigidez quanto as políticas jurídicas sobre as drogas e liberaram o uso devidamente prescrito de substâncias derivadas da maconha, sendo o principal, o tetracanabidiol. A ANVISA, órgão regulador das substâncias lícitas e ilícitas do país, acatou numa reunião pública pelo seu Colegiado, no dia 14 de janeiro, que o CBD, componente ativo da maconha seria retirado da lista das substâncias proibidas em solo nacional.

Esse procedimento visa facilitar a obtenção do medicamento, tendo em vista que o mesmo ainda não seja fabricado no país, o que segmenta a sua apropriação para as pessoas que possuam uma renda alta, devido aos custos do remédio somados aos de importação. Como a eficácia do uso contínuo do remédio tem sido evidenciada por polos referentes ao uso da maconha medicinal, como a Califórnia, as portas para a pesquisa de mais componentes benéficos em relação a maconha tem sido abertas. No dia 10 de novembro de 2015, a Justiça Federal do Distrito Federal determinou que o THC também fosse retirado da lista de substâncias não autorizadas do Brasil. A medicação proveniente da maconha pode ser utilizada no tratamento de doenças como Parkinson, epilepsia e esclerose, seja aliviando os sintomas físicos do tratamento, como potencializando uma otimização da qualidade de vida do paciente.

Ainda num período de transição aonde as drogas começam a tonificar as manchetes e noticiários, as dúvidas sobre a regulamentação da maconha medicinal, e do seu recorte classista são pouco exploradas pela mídia hegemônica. No entanto, organizações que discutem e promovem o debate amparado em necessidades básicas humanas, como a saúde, levantam a discussão sobre a temática, que de forma específica é atrelada ao direito do indivíduo, prescrito por lei, no artigo 4.º do capítulo I Dos princípios e dos objetivos do Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas: "O respeito aos direitos fundamentais da pessoa humana, especialmente quanto a sua autonomia e a sua liberdade. ".

d. Glossário das drogas

“Na penitenciária o índio fora da lei, conheceu os criminosos de verdade, entrando, saindo e voltando, cada vez mais perigosos pra sociedade! Aí, cumpádi, tá rolando um sorteio na prisão pra reduzir a superlotação! Todo mês alguns presos tem que ser executados! E o índio, dessa vez, foi um dos sorteados, e tentou acalmar os outros presos! Peraí, vamo fumar um cachimbinho da paz! Eles começaram a rir e espancaram o velho índio, até não poder mais! E antes de morrer ele pensou, ‘essa tribo é atrasada demais, eles querem acabar com a violência, mas a paz é contra a lei e a lei é contra a paz’. E o cachimbo do índio continua proibido, mas se você quer comprar é mais fácil que pão. Hoje em dia ele é vendido pelos mesmos bandidos que mataram o velho índio na prisão!”. Cachimbo da paz – Gabriel O Pensador

A maconha é a droga mais consumida no mundo. Segundo o último relatório de drogas divulgado pela UNODC, em 2015¹, “[...] o uso de maconha e o uso não medicinal de opióides farmacêuticos continuam a crescer.”. Segundo a reportagem publicada pela revista SemSemente especializada na planta, no dia 21 de agosto de 2012,

De acordo com o Instituto Federal de Medicina dos Estados Unidos, em 1999, menos de 10% daqueles que provam cannabis se encaixa nos critérios de dependência, enquanto 32% dos fumantes de tabaco e 15% dos bebedores se encaixam. De acordo com dados federais norte-americanos, as admissões relacionadas a maconha previstas pelo sistema de justiça criminal subiu 48% em 1992 e 58% em 2006..

A cannabis é uma planta segundo o Almanaque das Drogas de Tarso Araújo que pode ser encontrada por “bagulho, banza, baseado, beque (beck), brizola, canabis, cânhamo, diamba, erva, fininho, fumo, fumo d’angola, ganja, green, jererê, maria joana, marofa, preto, verde.”. O *delta-9-tetra hidrocannabinol* é o principal elemento ativo da planta; mais

conhecido como “THC”, ele é responsável pela parte da “viagem”. Em 1937 a maconha que na época da guerra, por interesses comerciais, tinha seu plantio incentivado, ficava proibida de ser comercializada, dando início assim, ao começo do mercado ilegal de drogas.

A maconha é fumada ou misturada a receitas “normais” de comida. Também é comum em rituais e oferendas em algumas religiões, dentre elas, o budismo e o hinduísmo. De um conhecimento empírico até os benefícios medicinais, esta erva é agregada ao combate de variáveis sintomas do organismo humano, desde ajudar no problema de insônia, até melhorar a qualidade de vida de quem passa por quimioterapia, ajudando a combater o enjoo e a falta de fome. Como Tarso Araújo ressalta, “A maconha e o haxixe são drogas feitas das flores e folhas de plantas fêmeas da espécie *Cannabis sativa*, ricas em THC, seu princípio ativo mais importante. A maconha é o preparado de folhas e flores em si, enquanto o haxixe é a resina extraída dessas partes de planta.” (ARAUJO, p. 311, 2014).

Os efeitos produzidos no organismo podem variar dependendo das condições psicológicas da pessoa. Geralmente os mais conhecidos são a euforia, a sonolência e uma fome enorme, conhecida como “larica”. Não existe nenhuma comprovação no mundo por overdose de maconha, no entanto, como já foi considerado, o estado psicológico da pessoa que a usa pode influenciar e desencadear algumas “*bad trips*”, que vão de depressão à síndrome de perseguição. “Estima-se que seja necessário fumar 680 quilos de maconha em 14 minutos para atingir uma dose letal. O risco associado ao uso de maconha é dirigir. Como a droga afeta a coordenação motora, aumenta a chance de acidentes.” (ARAURO, p. 311, 2014).

O uso contínuo de maconha pode levar ao fenômeno da tolerância. No entanto, esta demora muito a se desenvolver, e é de pouca monta. [...] Discutiu muito se a maconha induziria a dependência, que poderia levar uma síndrome de abstinência. Atualmente sabe-se que determinadas pessoas desenvolvem dependência, mas quando a administração é interrompida não aparece a síndrome de abstinência. (MANSUR; CARLINI, 2004, p. 95).

Dentre as pesquisas divulgadas sobre a maconha, encontramos desde noticiários catastróficos, até pressupostos que relacionam a mesma a salvação da humanidade. O que não podemos esquecer primordialmente, é que a maconha é uma substância que age no nosso organismo, alterando-o, pois é uma droga natural, mas ainda assim, uma droga. Por tornar-se a droga mais popularmente difundida no mundo inteiro, a maconha carrega simbolismos que ou exageram em suas bonificações, ou a interpretam por um julgamento apocalíptico, tornando a planta ainda uma indagação na maioria dos países proibicionistas.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS ENQUADRAMENTOS PROPOSTOS NAS PROPAGANDAS "ANTIDROGAS".

Neste capítulo apresentaremos as análises das campanhas que compuseram o cenário da mídia brasileira nas quatro décadas referentes, com uma exceção para a primeira década, dos anos de 1980, tendo em vista que, a campanha de maior alcance da história, relacionada às drogas, e que referenda até hoje as produções publicitárias "antidrogas" foi lançada nos Estados Unidos da América, no governo Regan. Logo, seguindo a dinâmica das análises de campanhas no Brasil, este capítulo contará com essa ressalva devido à grandiosidade ainda presente no cenário atual, ao que diz respeito às campanhas contra as drogas em todo o mundo.

Para disseminar o ideal dos Estados Unidos para seus próprios cidadãos (tendo como público principal os jovens), aliados políticos e forças econômicas, no ano de 1986, a então primeira dama Nancy Regan, num discurso em televisão aberta, ao lado do presidente Ronald Regan, dá início ao lançamento da campanha sobre drogas mais famosa no mundo, *Just Say No*.

Uma campanha que tinha como propósito combater e alertar aos jovens para o consumo de drogas começa caracterizando seu conceito em uma negação ao assunto, acima da sua problematização. Ao contrário do que se espera de uma campanha que por seu caráter, deveria ser informativa, a campanha, seu slogan e suas diretrizes não conseguiram alcançar seu objetivo nem em território nacional, já que os Estados Unidos continuam sendo o principal país consumidor de drogas no mundo.

Como já foi visto, um dos caminhos para se alcançar o objetivo de diminuir os riscos associados ao uso de drogas, começa na capacidade de discernimento do cidadão bem formado e informado. Nesse sentido, é necessário que se estabeleça uma diferenciação, do ponto de vista clínico, de extrema importância, entre os tipos de usuários, como os recreativos e os dependentes, por exemplo. (MÍDIA E DROGAS, 2004, p. 22).

Seguindo a metodologia das noções de elementos de enquadramento de Gamson e Modigliani (1989), criaremos um sistema de *frames* capazes de justificar as atuações analíticas propostas neste projeto. Para compreendermos os principais conectores das campanhas, trabalharemos o enquadramento como metodologia primordial na captação dos *framing devices*, os quais serão relacionados em 5 grupos, provenientes dos já estipulados pelos autores, que são as metáforas, exemplos, slogans, representações e imagens visuais. Essa predeterminação ainda se subtrairá aos recortes eminentes do contexto social

apresentado pela teoria da geografia política das drogas do Rui Ribeiro de Campos. Explicitaremos os cenários conforme sua importância nos contextos interpretativos desses *frames*, aliados com as teorias norteadoras deste trabalho, com o intuito de compreendermos papéis representativos e os poderes simbólicos acoplados as campanhas.

A publicidade é uma ferramenta comunicacional que tem por seu objetivo divulgar e incentivar a aquisição de um determinado produto ou serviço à sociedade. Ela é um esforço de persuasão, não de vendas. Ela deve acelerar a consciência do consumidor para a existência da marca (Gomes, 2003, p.189). Dessa formatação antiga, emergiram variados modos de se fazer publicidade, utilizando variados recursos, como o marketing pessoal, que funciona como fomentação da própria imagem de um negócio até um indivíduo. A efetivação por outros fatores exemplificada aqui, no caso da propaganda antidrogas, que ao invés de estimular determinada promoção, tecnicamente, se prontifica a estimular a negação das drogas pelas pessoas em geral, mas principalmente para os jovens. Geralmente são elaboradas a pedido de órgãos do poder público, ONG's de prevenção, grupos de redução de danos, grupos religiosos e clínicas particulares de reabilitação toxicológica.

3.1. Enquadramentos propostos nas campanhas dos anos 1980

Este item tem por intenção avaliar os argumentos, tanto visuais, como argumentativos do discurso de lançamento da campanha, *Just Say No*, e da campanha emitida na televisão brasileira, protagonizada pelo cantor John Lennon.

3.1.1. "JUST SAY NO": uma campanha que deu certo

Em 1987, num pronunciamento veiculado pela rede de televisão estadunidense *CNN*, o então presidente de época Ronald Regan, e sua esposa, Nancy Regan, apresentavam-se ao vivo para os cidadãos norte americanos. Desse dia em diante, Nancy, que já viajava por todo o Estados Unidos palestrando para jovens em escolas sobre o distanciamento das drogas, ficou reconhecida como a principal liderança no processo de fomentação da campanha mundialmente disseminada, por seu slogan, por sua ideologia, e principalmente, pela influencia do posicionamento inserido pelos EUA a todo o mundo, em relação às drogas. Ronald, que ao discursar chamava de "cruzada contra as drogas" todo o processo combativo ao já conhecido, adversário dos Estados Unidos, nas palavras do presidente Richard Nixon,

"inimigo número 1 da América". A análise deste discurso será fragmentada conforme os *frames* simbólicos, significativos perante a importância do contexto pelo qual foram incumbidos.

Nancy Regan nasceu em Nova York, no dia 6 de Julho de 1921, e ocupou o cargo de primeira dama dos Estados Unidos da América 60 anos depois, quando o seu esposo Ronald Regan assumiu a presidência do país. Concomitantemente a carreira política do seu marido, Nancy sempre esteve envolvida em programas sociais, viajando pelos estados de seu país promovendo palestras e encontros com jovens para alertar sobre o consumo de drogas. Nancy discursou na rede estadunidense de televisão *CNN* para milhares de pessoas sobre a temática das drogas, enquanto o presidente e os órgãos governamentais articulavam políticas cada vez mais rigorosas para o combate referente ao tráfico.

A importância deste discurso datado na história mundial é visualizada até os dias de hoje, quando encontramos em diferentes setores da sociedade a idealização de que para a droga "basta um simples não". Nancy utilizou-se de artifícios discursivos com forte apelo emocional, aonde logo ao iniciar ressalta que as pessoas podem imaginar que as drogas não a consomem, mas que sim, elas estão sendo consumidas. Assim, o dispositivo da metáfora é acionado para provavelmente gerar mais interesse ao decorrer da mensagem. Logo após, a droga é apontada como "destruidora de vidas dos filhos e filhas dos Estados Unidos", aonde essa associação possivelmente aumentaria a atenção dos pais sobre o uso das substâncias.

Nancy refere-se a sua participação por 5 anos percorrendo o país para alertar sobre as consequências pejorativas das drogas. Passagem a qual se caracteriza pelo *frame* do exemplo. Aonde ao ressaltar suas experiências possibilita um despertar de mais confiabilidade discursiva. A primeira dama ainda reintegra o quão maléfico são os danos sociais causados pela utilização das substâncias psicotrópicas, e cita uma dramática carta vinda de uma mãe usuária de cocaína, relatando o sofrimento de seu filho recém nascido, após o uso da droga na gravidez. Enquadrando-se também a um *frame* de exemplo. A narrativa prossegue exaltando os danos das drogas, num plano "sentimental", aonde cita palavras como "amor, esperança e confiança" para fortalecer o apelo emotivo entre mães, pais, suas filhas e seus filhos.

Logo após, a primeira dama convoca os estadunidenses para reagirem quanto às drogas, atentando para os sonhos "roubados" das crianças induzidas ao uso das drogas, novamente acionando o *frame* do exemplo. Em seguida, Nancy pede aos cidadãos norte-americanos que não permitam nenhum mais miligrama de droga, e afirma que a indiferença quanto ao tema não é opcional. Em sequência é apresentada a história de uma das suas visitas a um grupo de crianças na Califórnia, aonde conta que recebeu a pergunta sobre o que deveria

fazer quando as oferecessem drogas, respondendo para elas que teriam que apenas "dizer não", *just say no*. Neste momento o slogan da campanha é integrado ao discurso pela primeira vez.

O relato continua com o *frame* do exemplo sendo utilizado novamente quando Nancy reintegra a história das crianças, contando que as mesmas formaram um clube *Just Say No*, e que esse já teria se espalhado por diversos lugares do país. Sequencialmente, Nancy ressalta que a participação dela e das outras pessoas sobre a não utilização das drogas é baseada em encorajar os jovens a dizer não. Afirma que "nós" referindo-se tanto a situação de "adulta" quanto simbolicamente os Estados Unidos podem ajudar as crianças e os jovens a não se envolverem com drogas. Acionando-o, ela enaltece o discurso patriota tão veiculado pelos estadunidenses, referente ao posicionamento já evidenciado nos capítulos contextuais, onde os Estados Unidos colocam como vítima no processo das drogas que imigram para o seu território, ao mesmo tempo em que se submetem a "salvadores" do mundo na jornada contra as drogas, apontando os inimigos recorrentes dos países pertencentes a América do Sul.

A determinação pontual dos inimigos novamente é restaurada quando a primeira dama afirma que os traficantes trabalham todos os dias para induzir "nossas" crianças as drogas, apresentando novas substâncias como o crack. Caracterizando-se como *frame* do exemplo novamente, artifício comumente acionado em discursos, mas notoriamente condutor do discurso de Nancy Regan, que a partir daí utiliza o *frame* da metáfora quando direciona uma mensagem para a população jovem, alertando do mundo maravilhoso e grande que eles possuem, exaltando que país precisa deles, mas que precisa deles "limpos". Reintegrando o mesmo *frame* ao discursar, que "Com as drogas a vida fica preta e cinza, mas ao livrar-se delas, poderá ver cores de novo.". Para terminar o discurso, Regan novamente evoca o slogan da campanha quando termina a narrativa com "Diga sim pra vida e para as drogas e o álcool, apenas diga não.". Importante observar que o álcool é desassemelhado da palavra droga, mas também é unicamente nessa passagem referido como uma ameaça.

O discurso que foi traduzido livremente teve seus pontos característicos explicitados a ponto de que se notasse a sua dramatização e a utilização de *frames* representativos do pacote interpretativo, muito direcionados a um alerta para os pais, e principalmente para os jovens. No entanto, Nancy talvez nunca imaginaria que até hoje essa "estética" dramática e subjetiva para tratar a temática das drogas fosse pendurar até hoje, acarretando um simbolismo e uma abstração quanto ao debate desta pauta. A cultura do medo e os dispositivos estigmatizados expressados aqui são essenciais para o entendimento do modo operatória que se entendia, e ainda se entende as drogas hoje pelos políticos e pela maioria midiática.

Um recurso bastante usado no passado – e até hoje – sem resultados é o amedrontamento. A chamada "pedagogia do terror" procura afastar as pessoas do uso de drogas comunicando apenas seus efeitos negativos. Não funciona porque não lida com o fato de existirem efeitos positivos, que cedo ou tarde qualquer criança descobre. A "mentira" retira qualquer credibilidade que o recado para não usar drogas poderia ter. (ARAÚJO, 2014, p. 203).

3.1.2 – Campanha John Lennon

A segunda análise referente à década de 1980 foi veiculada no mesmo ano que o discurso de Nancy Regan, em 1987, e será observada a partir da lógica de reprodução do ideal norte-americano referente as drogas. O VT foi reproduzido pela emissora SBT, que durante essa década fomentava várias propagandas com características sociais, pautadas na maioria das vezes por construções morais conservadoras. Começaremos a análise pelo espaço simbólico da campanha, seus atributos representativos visuais, contando desde a composição de cenário até a apresentação de argumentos, ponderando o dito e o não dito. O enquadramento contribuirá para a análise discursiva após a explicitação do conteúdo visual propagandeado.

A propaganda de 45 segundos começa com a palavra "droga" sendo censurada por um "x", a qual logo em seguida é substituída pelo músico britânico, John Lennon, que canta "*Stand by Me*", uma composição lançada ainda na época que era componente dos Beatles. O cantor aparece comumente entoando a canção em uma apresentação, onde a letra não contempla nenhum aspecto referente ao consumo de drogas, até o congelamento da imagem de John e o encerramento da canção. Neste momento, é apresentado o texto, assinado pelo mesmo:

"O sonho acabou, vamos encarar a realidade. Não se drogue por não ser capaz de suportar sua própria dor, pois nenhum lugar fará de você um homem. Eu estive em todos os lugares e só me encontrei em mim mesmo." Logo a seguir, a trilha musical ganha um aspecto de "tensão"; a palavra drogas é reinsertada, cortada pelo "x", somada ao slogan da campanha em letras garrafais, "você não precisa disso!".

A propaganda inicia com a palavra "drogas" rasurada em tom de negação, a qual remete ao posicionamento proveniente dos Estados Unidos e da *Just Say No*, que salienta a cultura do medo intrínseca a temática das drogas em todas as plataformas. Essa ressignificação simbólica é acompanhada de uma sonoplastia que reforça ainda mais a estigmatização do tema, num plano perigoso e obscuro, onde a única opção do cidadão

comum é insinuada de maneira que, cria-se uma barreira moral para adquirir informações concretas, e a única escolha é evitar qualquer contato com as drogas. Como afirma Maria Cecília Sanches Teixeira e Maria do Rosário Silveira Porto em seu artigo, “Violência, insegurança e imaginário do medo”:

Tem-se, pois, que o homem necessita representar o medo, atribuir significados comuns a situações, objetos e pessoas que causam temor. A representação é, em si, uma forma de controlar, antecipar, conhecer o medo. Pela representação, ele é partilhado e socializado, mas, ao mesmo tempo, é ampliado e estendido, e a consequência é que se deseja controlá-lo cada vez mais. (TEIXEIRA; PORTO, 1998, p. 55).

Desarticulado com o discurso sugerido a interpretação, a canção “*Stand by Me*”, provoca mais uma referencia emocional de familiaridade com o cantor, e sensibilidade quanto a sua letra, do que uma objetividade discursiva em relação às drogas. Essa aproximação pode ser interpretada de forma a qual o apelo emocional é fortalecido não diretamente, mas por meio de mecanismos circunscritos no contexto social do individuo, uma maior empatia à promoção da mensagem. Esse apelo emocional é fortemente difundido mediante todas as mídias que se aproximam da temática das drogas, ocasionando um certo ruído proposital na mensagem, que ganha essa carga de “sentimentos” muito antes de ser efetivada pelo discurso que a segue. “O sentido de uma palavra de uma expressão não existe em si mesmo, mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico, no qual as palavras e as expressões são produzidas” (PÊCHEUX, 1988, p. 23).

Logo após a interrupção da apresentação, a imagem do músico permanece congelada no fundo da tela, enquanto o texto já citado na estruturação da campanha sobe lentamente de baixo pra cima. Atentando para as relações simbólicas já pré-estruturadas previamente a sua aparição, conseguimos enquadrar já aqui, as representações designadas de um poderio articulador cultural, explicitado pela carga simbólica que carrega o cantor, com a sua popularidade, sua referencia mundial, e a música, com tons “emocionais”, cercada do refrão, “stand by me”(fique comigo), repetidamente utilizado na invocação da sensibilidade da mensagem. Seguidamente a interrupção da canção, os *frames* que já haviam sido ativados como as “imagens visuais” e o da “representação”, ou seja, aspectos constitutivos da imagem somados a seu peso histórico contextual, sua importância e sua promoção de influencia positiva, acionada pela figura de John Lennon.

Continuando com as informações textuais, detectamos também o *frames* da metáforas na citação apresentada de Lennon. A primeira frase, “O sonho acabou, vamos encarar a realidade” tangencia a insegurança vivenciada pela sociedade, derivada de variados fatores,

que aqui, são singularizados pelo fator das drogas, corriqueiramente interpretado pelo conhecimento popular como uma “fuga da realidade”, uma negação do presente, uma válvula de escape. Essa convicção é vista como uma possibilidade racional aceita, porém, o que não é explorado pela campanha é o questionamento dos motivos concretos para a busca dessa “fuga”. Nas contribuições datadas expostas no capítulo anterior, visualizamos que existem forças variantes que acabam contribuindo para o acesso e o relacionamento com as drogas.

Existem relatividades associadas à situação econômica, a localidade residual dos indivíduos, e o que incube na maioria das vezes o exagero do uso das substâncias, que é o modo operante com que os indivíduos tem acesso a informação como um todo, seja dos efeitos das drogas, das políticas públicas, dos seus direitos como cidadãos. O *frame* acionando nessa passagem detém por intermédio das metáforas, uma construção do imaginário do “sonho”, associado ao ideal de “fuga”, que remete a uma ilusão quanto ao uso de drogas. O “encarar a realidade” reintegra a construção popular que associa o consumo das drogas a uma “fraqueza moral”, como aborda Denis Petuco, a sociedade ainda é amparada por uma política com parâmetro nos anos 60, que classifica a relação com as drogas numa dicotomia usuário-traficante, sendo que o primeiro é tido como doente, e o segundo como um criminoso extremamente perigoso.

A frase que sucede, “Não se drogue por não ser capaz de suportar sua própria dor, pois nenhum lugar fará de você um homem.”, enquadrou-se numa sucessão de estereótipos popularmente construídos, acerca novamente da associação da “fraqueza” em usar drogas, distanciando do que seria um comportamento inspirador, demonstrado pelo trecho, “fará de você um homem”. Parte a qual reforça os estereótipos sociais e sua acentuação ratificada, como nos trás Luís Rodolfo Cabral:

A analogia estabelecida por Pena (2005) nos remete a Charaudeau (2005), que, ao explicar a relação entre informação e mundo real, também relaciona linguagem a espelhos – os deformantes [“daqueles que se encontram nos parques de diversão” (p.20)] – que mostram um fragmento amplificado, porém simplificado, do mundo. A informação, dessa forma, corresponderia ao reflexo distorcido daquilo que representa. (CABRAL, 2013, p.8).

Essa citação termina com “Eu estive em todos os lugares e só me encontrei em mim mesmo.”, caracterizando um *frame* metafórico o qual introduz uma conclusão pautada numa só verdade, e numa só saída, a de não usar drogas. Essa significação só consegue ser receptiva após a conclusão da mensagem inteira, o que não exclui, seguindo a teoria do enquadramento, de um reforço baseado numa construção moral-social das grandes mídias, sucedendo a designação de reproduções de figuras “vitoriosas”, que não se envolvem com drogas, e as “fracassadas”, que continuam a optar pela negação da realidade e do presente. Existe ainda

uma individualização e responsabilização do indivíduo, o qual, novamente ignora os contextos sociais e os outros fatores conectivos ao consumo das substâncias psicotrópicas¹.

Após o término da passagem textual assinada como uma citação de Johnn Lennon, novamente a primeira mensagem é reinserida ao quadro. A palavra “droga” é novamente rasurada com um “x”, somada ao *frame* do slogan da campanha, “Você não precisa disso!”. Esse slogan constitui o cerne da campanha, que apresenta características visivelmente estigmatizadas em conceitos binários como “o bem e o mal” e “o certo e o errado”, oferecendo pouco espaço para a discussão e a constituição de uma perspectiva de drogas em si. O que visualizamos é apenas uma reprodução de estereótipos abastecidos pela “cultura do medo”, fragmentados sem nenhum poder argumentativo, que não seja o simbólico, reproduzindo um posicionamento proeminente dos EUA muito acentuado no que diz respeito a não estimular o debate, nem ao menos informações adequadas para a formação de uma opinião sobre as drogas.

Esse imaginário do medo, bem como sua concretização, tem suas raízes paradoxalmente fincadas, por um lado, numa crença infinita na razão, que pretende explicar o medo por meio do conhecimento científico e eliminar simultânea e gradativamente formas simbólicas de tratá-lo; por outro, num excessivo individualismo próprio do liberalismo moderno (*selfmade man*), que vem promovendo, cada vez mais, o distanciamento entre os indivíduos. Ambas as atitudes – racionalizadora e individualista – têm como fundamentos justificadores e legitimadores uma visão etnocêntrica predominante, cujas conseqüências concretas são a marginalização e a exclusão do diferente, do Outro. (TEIXEIRA, PORTO, 1998, p. 53).

3.2. Enquadramentos propostos nas campanhas dos anos 1990

Os anos 90 tornou-se uma das décadas mais memoráveis da história, devido a seu poderio múltiplo de acontecimentos marcantes, como suas transformações econômicas, e o advento da internet que começava a interligar o mundo de uma forma até então nunca conhecida. Nesse período de “evolução”, a Guerra as Drogas continuava a importunar o mercado ilegal do comércio e do consumo dessas substâncias, que cada vez mais despertavam atenção das autoridades militares, dos líderes políticos, da mídia, e da opinião pública. Aconteceram diversas alianças governamentais com o poderio privado para a disseminação de campanhas que alertassem contra as drogas. No entanto, recapitulando os interesses voltados para o mercado legal, atentamos para a cultura do capital implementada por diversas empresas que disseminam o consumo e “empurram” uma demanda cada vez mais incisiva para a sociedade.

Essa lógica comercial dos anos 90, impulsionada pelo Neoliberalismo e suas inserções dos investimentos e produtos estrangeiros, em nosso país, ocasionou um déficit muito agudo na economia básica brasileira. Existia e ainda existe um entendimento de que seja necessário acarretar subsídios financeiros para as ações governamentais destinadas ao combate do narcotráfico. No entanto, a maioria das ferramentas de funcionamento da rede do tráfico de entorpecentes provém do capital privados das próprias instituições que midiaticamente o repudiam. A mesma iniciativa que teoricamente contribui para o controle distribui artifícios para o crime organizado pelas vias legais de comércio, desde os armamentos, muitos produzidos por empresas bélicas concentradas na América do Norte, principal força política coibida na “empreitada” das drogas.

Até mesmo no campo das influências políticas que defendem seus interesses dentro dos próprios órgãos do Estado, compradas via negociações corruptas diretas, ou por mecanismos conglomerados, por exemplo, pautas que visualizam mais severidade no posicionamento diante das drogas, ocasionando assim, uma atenção criminal detentora de poder coercivo e pouca reflexão sobre a elaboração de uma política realmente mediadora entre as vias públicas e a população, e que, em sua maioria, só fortalecem o comércio e o consumo das substâncias ilegais. Essa ponderação da dualidade das economias que se fomentam e se auto abastecem, é exemplificada por Tarso Araújo, que no Almanaque das Drogas compara as “empresas” de ambos os lados. Nessa confrontação, Tarso trás que o “O comércio de drogas licitas é organizado por empresas multinacionais, com ações em bolsa de valores, que geram milhões de empregos na economia formal e pagam impostos para o governo”, enquanto “o dinheiro do tráfico vai para quadrilhas que usam seus lucros para comprar armas e corromper autoridades, além de pagar milhares de pessoas dispostas a cometer diversos tipos de crime”. (ARAÚJO, 2014, p. 93).

Na década que impulsionou via políticas econômicas um crescimento gigantesco na conexão das redes globalizadas, tanto no mercado legal quanto no ilegal, e conseqüentemente, em seus “diálogos” monetários, foi também o período de acréscimo nas inserções de campanhas que visavam o distanciamento entre jovens e drogas. Aqui, a partir dos mecanismos contextuais relevantes, decifrados pelos “poderes” relacionais dos *frames*, apresentamos duas peças publicitárias “anti-drogas” para análise, uma protagonizada pela atriz Ana Paula Arósio, assinada pela Associação Parceria Contra Drogas, veiculada no começo dos anos 90 e, a segunda, que fora exibida no ano de 1998, também proveniente da Parceria Contra Drogas, associação que encabeçou as campanhas proibicionistas durante os anos de 1990.

3.2.1. Campanha *Faz assim pras drogas*

O VT disponibilizado pelas redes de televisão abertas da década de 90 contém 35 segundos, e é protagonizada pela atriz Ana Paula Arósio, referencia artística do período, famosa por suas atuações, principalmente nas novelas da Rede Globo de Televisão. A composição estética acompanha a seguinte sistemática: A atriz aparece inicialmente em um contexto claro, sorridente, alertando que não entrará em cena para representar um papel, e sim, “para dar um toque em você que dá tanto valor à liberdade”. Após esse pronunciamento o vídeo ganha tons escuros e sombrios, a música carrega uma tonalidade “tensa”, as câmeras se deslocam em ângulos que não chegam a ser desfocados, mas que capturam a imagem de forma não padrão. Cordas e o reflexo da atriz aparecem no espelho enquanto a mesma entona a frase que, “no primeiro momento a droga pode até dar prazer”; em seguida, a face de Ana Paula é transformada em uma figura pejorativa semelhante à ideia de uma faraó.

Na sequencia o vídeo incorpora de vez a distorção, sobreposição de imagens com escritas em árabe, e alternância de uma foto aparentemente de um jovem cujo não aparece à cabeça. A música que já reforçava um contexto “macabro”, ganha áudios de risos de crianças, que sobrepõem a frase, “não parece uma incoerência usar drogas pra buscar liberdade e depois perder a liberdade”, enquanto o cenário é alterado para espaços obscuros e confusos, compostos por vários enquadramentos dos olhos da atriz, que resultam em locais caóticos reprodutores do reflexo da mesma. No último momento “tenso” do quadro, enquanto a música torna-se ríspida, os olhos de Ana Paula Arósio são cobertos por mãos. A atriz reaparece no último *take*, que é filmado de cima para baixo, enquanto a tonalidade da música é amenizada. A última fala reintegra o conceito da campanha desta época, “então, se elas surgirem na sua vida, sai de cena, e faz ‘assim’ (sinal com a mão aberta referente o logo da campanha²) pras drogas.”.

A partir da inserção das peças contendo essa marca, o sinal ficou conhecido no imaginário popular como o “não” para as drogas. Após o término da mensagem, a Associação Parceria Contra as Drogas assina a campanha sobrepondo um fundo preto, e a marca da campanha.

² A partir da inserção das peças contendo essa marca, o sinal ficou conhecido no imaginário popular como o “não” para as drogas.

No momento em que Ana Paula Arósio aparece primeiramente no vídeo, os tons, a roupa, e o aspecto “simpático” da atriz caracterizam-se dentro dos *frames* de representações e imagens visuais. O intuito desse primeiro *take* pode ser interpretado como um contexto da realidade, reforçada pelo “sucesso” eminente da atriz. Esse poder simbólico de representação é comumente ativado em campanhas publicitárias de variados estilos, porém, nas produções voltadas a temáticas drogas, essa “carga” simbólica é mais evocada, devido a ideia disseminada culturalmente de que, quem se envolve com drogas automaticamente encontrará o “fracasso”, e não o “sucesso”, como o de Ana Paula. Ainda pelo *frame* das imagens visuais, o espelho envolto por luzes características de um camarim reforça a ideia da “fama”, atrelada ao vencer na vida sem o consumo de drogas. Após a transformação tanto no aspecto estético, quanto no discursivo, a frase inicial dessa segunda passagem, “tem gente que usa drogas porque acha que vai ficar mais descolado”, dá início a um processo que se encaminha gradativamente para conotações “obscuras”.

O que sucede é uma tomada do reflexo da atriz num espelho, em conjunto com cordas, retratadas por um leve desfoque de câmera. O ambiente é explicitado enquanto a protagonista entona que, “num primeiro momento a droga pode até dar prazer, o problema é o que ela faz depois”, e finaliza numa transformação pejorativa fácil de Ana Paula, reproduzindo a interpretação do processo de “achar legal” num primeiro momento, e automaticamente vivenciar já, de imediato, o “pesadelo” das drogas. A ideia apresentada nessa passagem retoma a uma característica proveniente da política de saúde brasileira dos anos 60, aonde, como resgata Denis Petuco, automaticamente pelo poder medicinal, o usuário era constatado como doente, e projetado socialmente como dependente químico, caracterizando assim como *frame* de representação.

Essa representação encontra novamente o peso simbólico do entendimento social de “bem” e “mal”, e desviante moral das normas padrões, estigmatizando um indivíduo como um todo, no que pode ser entendido com uma circunstância efêmera ou uma autonomia individual de decisão, a qual não afeta outros quesitos da sua vida em sociedade.

Identificar um jovem por sua condição efêmera em relação a esta ou aquela substância é aprisioná-lo, é roubar-lhe o direito a uma subjetividade rica e ampla. É enquadrá-lo a partir de um pequeno aspecto de sua vida. É enquadrá-lo a partir de um pequeno aspecto de sua vida. Este tipo de Enquadramento, ao meu ver, é uma das piores violências às quais se pode expor uma pessoa. (PETUCO, 2010, p.7)

Em sequências, o tom de perturbação do vídeo fica mais enaltecido pelas composições visuais, que se sobrepõe a escritas árabes e uma fotografia de um menino sem camiseta, aonde não é retratado o seu rosto. O clima “tenso” se atenua com a composição sonora que passa a

reproduzir risadas de crianças, um recurso captado pelo *frame* das representações, já que as risadas ecoam sistematizadas num imaginário que remete as produções cinematográficas do gênero de terror. A constituição visual fica embaralhada, remetendo a interpretação do que se tem pelo “mundo” das drogas. A falta de um sentido explícito visualmente apela para o entendimento da “perdição” na vida dos usuários, e do reflexo proporcionado pelo consumo exagerado das substâncias psicotrópicas, que logo em sequência tornam-se formas cada vez mais difusas, aonde exibem os olhos da atriz em diversos enquadramentos.

A frase que reintegra a mensagem é “não parece uma incoerência usar drogas pra buscar liberdade e depois perder a liberdade para as drogas”, a qual, novamente recai sobre o dispositivo do discurso medicinal dos anos de 1960, onde automaticamente se entende o usuário como próximo dependente químico, sem considerar o modo como esse indivíduo convive com a substâncias. Nessa mesma linha, tira-se o poder de autonomia moral do indivíduo, quando julga-se a sua responsabilidade, que aqui é salientada como que, numa certeza, sequer o primeiro contato com uma substância ilícita vai acarretar em um vício desenfreado e a perda do seu controle como um todo. A cena sucessora é representada pelo enquadramento do rosto de Ana Paula, tendo os olhos escondidos por mãos. A música ganha uma tonalidade mais tranquila, e a temática preto e branco é substituída por tons pardos, não tão claros, mas não mais sombrios.

A narrativa que fora construída por uma linguagem coloquial perde a “carga” dramática apelativa, e termina com a protagonista sorrindo, deixando de lado as caracterizações obscuras, ao pronunciar o último relato textual, “então, se elas surgirem na sua vida, sai de cena, e faz ‘assim’ pras drogas”. A tematização da campanha percorre pelo entendimento estigmatizado, que como aponta Eving Goffman (1988), “é um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo [...] em parte porque há importantes atributos que em quase toda a nossa sociedade levam ao descrédito”. Essa atenuação de estigmas culturalmente construídos e difundidos midiaticamente fica evidente na construção da propaganda, pois se trata do assunto no geral, de maneira receosa quanto a escolha da linguagem. Novamente, a campanha “antidrogas” não traz nenhuma informação concreta sobre a pauta, tampouco considera alertar das consequências palpáveis do seu consumo. O ponto de vista mais agravante detectado é o próprio distanciamento com o assunto em si, refletido na propaganda.

O posicionamento omissivo é novamente evocado ao final, quando os resquícios da *Just Say No* ficam visíveis, quando a solução apresentada pela campanha é apenas a negação, objetificada por um “sinal” com as mãos abertas, que é o logo que assinala o final da campanha ao lado de Associação Parceria Contra as Drogas. O posicionamento da peça

reflete muito, como na análise da peça dos anos de 1980, a cultura do medo, e do não desmembramento do fato. A inquietação provocada por todo o roteiro é revertida num breve momento feliz, encenado pela protagonista ao promover o sinal atribuído a negação das drogas. Essa superficialidade ao abordar esse tema problematiza não só a disseminação de uma ideologia pautada na omissão quanto ao uso das drogas, e principalmente a mistificação de reproduções de estereótipos no que se refere aos usuários. “A droga está associada à ideia de contaminação: individual (aquele que se droga), social (comunidades aonde existem usuários e traficantes), e institucional (alimentação da corrupção de servidores públicos).”(RODRIGUES, 2003, p. 20).

3.2.2. Campanha *Drogas nem morto*

Devido a grande quantidade de parcerias realizadas, novamente a campanha que iremos analisar é assinada pela Associação Parceria Contra as Drogas, e teve sua veiculação iniciada no ano de 1998 pelas redes abertas de televisão. O VT tem duração de 31 segundos, e ao contrário do primeiro, não evoca nenhuma participação de uma celebridade. A análise seguirá utilizando os dispositivos de enquadramento, obtendo através dos *frames* o entendimento da sua intencionalidade vinculada com o contexto no qual é inserido. Esta propaganda é protagonizada por uma criança, recebida sem denúncias pelo CONAR, o que significa uma aceitação da sociedade quanto a sua reprodução.

A propaganda analisada é composta apenas de uma variação de cena. Nela, um “pré-adolescente” é retratado por um enquadramento angular, escorado no muro e mascando chiclete. Neste caso, é importante atentarmos para o comportamento do menino e suas características pessoais, como o modo que o mesmo consome uma a de mascar, e a utilização de um brinco na orelha direita. O jovem é retratado durante 15 segundos sem alteração comportamental, mascando chiclete numa conotação “de não importa-se” com coisas importantes. Aos 11 segundos, um áudio em off é reproduzido, nele, a frase apresentada é “Se você usa drogas, sabe o que você tem na cabeça?”, simultaneamente, uma mão aparece e puxa para baixo o brinco da orelha do jovem.

Essa cena é representada com um barulho que remete a descarga de uma privada sanitária, enquanto o indivíduo é enquadrado com um olhar “vago” até o término do barulho, que ao encerrar, dá espaço para a volta da narrativa em off, que ressalta, “use a cabeça, não use drogas”. Logo após um rápido *take* do rosto do jovem lentamente voltando a mastigar sua goma, segue-se para um fundo roxo, com o símbolo já inserido da mão em negação, em

conjunto com a frase “Drogas, nem morto”, e que é reforçada no áudio, e uma pequena referência abaixo que ressalva, “aprovado pelo CONFEN (Conselho Federal de Enfermagem).

3.3. Enquadramentos propostos nas campanhas dos anos 2000

Aqui evidenciaremos as campanhas obtidas para análise da década de 2000, tendo em vista que neste período as autoridades, com mais especificidade para os órgãos públicos voltados para a saúde, começaram a participar com maior atenção da pauta das drogas, dividindo espaço com o poder coercivo e os setores jurídicos.

3.3.1. Campanha UNDOC – Cone Sul

A primeira campanha analisada contém 32 segundos de duração, é assinada pelo UNODC - Escritório das Nações Unidas Contra Drogas e Crime - Brasil e Cone Sul, produzido pela agência 3 / Associação Brasileira de Agências de Propaganda (ABAP). Essa propaganda foi adquirida através do site Youtube, onde tem seu *upload* registrado na data de 31 de Julho de 2007. Ela, como as outras escolhidas para análise, não direciona sua mensagem ao combate de alguma droga específica, e recorre até então, a uma nova linguagem para tratar do assunto e levantar o debate, seguindo uma construção proveniente dos moldes europeus em relação às drogas, o qual tem caráter mais humanista, e menos combatente.

Na primeira cena o personagem aparece entrando no que seria o seu quarto, descalçando rapidamente os tênis e desvestindo o casaco, enquanto a sonoridade carrega um tom agitado e “perturbador”, reforçando a expressão facial do jovem, evidenciada com um enquadramento focado num segundo estante. Logo a seguir, o ator se dispõe a procurar incessantemente por algo, até sentar-se num momento aonde parece pensar em opções de lugares, enquanto percorre o olhar pelo quarto, até chegar num determinado local, aonde acha os seus tênis. O protagonista calça os tênis em conjunto com a mensagem que aparece no canto esquerdo, “Use esporte”. A cena final demonstra o rapaz correndo numa orla ensolarada, onde a mesma frase continua dividindo a cena, reforçada por uma locução em *off* que complementa, “não deixe a droga controlar sua vida”. O último *take* carrega a assinatura centralizada das Nações Unidas, Escritório Contra as Drogas e o Crime, o seu site, e o informe de que a campanha é internacional.

Logo no início da propaganda observamos pelos *frames* das imagens visuais e das representações, o enquadramento de uma atuação, e um reforço musical que remetem a

“abstinência” do usuário a procura da droga. Essa dramatização é prolongada até o último quadrante do VT, no qual existe uma tentativa de ruptura com o pressuposto estigma da “busca das drogas”, substituída pela introdução do esporte, também veiculado a uma sensação de “fissura”. Essa “quebra” no roteiro foi mal executada, pois o tom de perturbação não é desfeito com a ideia apresentada, teoricamente para mostrar o “saudável” e feliz. A possibilidade de que outros fatores alterem o ritmo de vida é tão perigosa quanto o consumo de drogas, devido a conturbação social que nos envolve, podemos constituir estilos de vida tão “viciosos” quanto o agravante do uso de substâncias psicotrópicas. O esporte apresentado como uma alusão a alternativas positivas diante das drogas pode virar uma obsessão e desencadear vários sintomas depressivos como qualquer outra atividade que seja praticada sem moderação ou consciência.

Ainda é importante atentar para a grande gama da sociedade considerada “bem sucedida” que utiliza drogas lícitas para “aguentar” rotinas exaustivas de trabalho e afazeres, como os universitários que comumente usam substâncias como Ritalina, café, guaraná em pó e energético para estudarem nas madrugadas. Há também os executivos que após dias cheios de trabalho, “dopam-se” de drogas depressoras, como Valium, Lorax, Prozac e Rivotril¹, para “desligarem-se” do mundo dos negócios. Todas essas substâncias poderiam ter seu uso, que já é controlado, considerado como um “risco” para o consumo da população se fossem julgadas numa perspectiva equivalente a destinada para a cocaína, LSD, lança-perfume, etc.. O que se atenta, é que essas drogas tem uma aceitabilidade social devido ao seu enquadramento como produto “lícito”, vendido numa localidade regimentada por lei, em qualquer cidade do país, a luz do dia. Ou seja, o local físico do comércio também é uma característica da dualidade social do consumo de drogas, sendo as lícitas, incentivadas pela publicidade, arrecadoras de capital, localizadas nos principais centros de comércio urbano. Já as ilícitas, por residirem na ilegalidade, são “deslocadas” pelas ferramentas legislativas em conjunto com os julgamentos morais, para lugares representados pela pouca atuação do poder público, economicamente e socialmente vulneráveis, desmoralizados midiaticamente, associados em sua maioria especificamente ao tráfico das drogas e a criminalidade.

Quando é tratado como um crime, o uso de drogas é visto prioritariamente como questão policial, diminuindo a importância da educação, da prevenção e do sistema de atenção biopsicossocial para aqueles que fazem uso problemático. Além disso, o fato do uso de drogas ser criminalizado é um obstáculo para a realização de pesquisas científicas, inclusive para aferir a prevalência de uso na população. (Plataforma Brasileira de Política de Drogas, 2015. p. 10.).

A propaganda em relação às outras produções audiovisuais das décadas passadas que foram analisadas, ganha destaque na formatação mais humanizada com a qual retrata o potencial “perigo” das drogas. O diálogo ainda fica pendente sobre as informações palpáveis em relação a temática, já que, como é possível conscientizar um público se o assunto primordial da campanha fica subjetivo ou desprezioso? É provável que a campanha insira uma ideia de drogas x saúde, e que num primeiro momento impacte os jovens de uma forma que eles não cheguem perto das substâncias ilícitas. No entanto, num segundo momento de aproximação, essa representação teria dificuldades na construção de um diálogo que alertasse quanto aos perigos relacionados a essas substâncias. Tendo em vista que um usuário de drogas tenha conhecimento sobre os efeitos e as “viagens” proporcionadas pelas substâncias, o mesmo colocará em questionamento o *frame* do exemplo representado em prática, no caso, do esporte, como substituto para a eloquência proveniente dos artifícios psicotrópicos.

A Linha que se apresenta tão jovem, é a mesma que faz a reivindicação implícita que tem a capacidade de se substituir aos jovens na interpretação da sua experiência pessoal; e que crítica indirectamente a sua visão do mundo. A Linha que tem tempo é a mesma que intensifica ansiedades e medos; e que legítima, de uma forma indirecta, a vigilância e regulação dos que "saem das ondas da verdade", colocando-os numa posição de quem leva os outros para caminhos falsos, ou seja, como constituindo uma ameaça para a sociedade. Assim a Linha, e por intermédio dela o Estado, justificam os seus papéis como protetores dos bons cidadãos e reguladores das desviâncias. (ZARA, 2004, p. 11).

3.3.2. Campanha Marionete

A segunda campanha obtida para análise contém 32 segundos, e foi elaborada no final do ano de 1999, porém, sua exibição atingiu o ápice de veiculação nos anos 2000. Considerando o intuito do trabalho de trabalhar com as exemplificações explicitadas pela mídia do modo de abordagem da temática das drogas, esta foi escolhida principalmente por "tentar" variar o seu modo de produção. A peça é decorrente também da Associação Parceria Contra as Drogas, e é protagonizada pelo ator Fernando Vieira, conhecido principalmente pela profissão de mímico.

As composições do ambiente remetem a um palco, aonde o ator aparece amarrado como uma marionete, aonde não consegue adquirir o controle sobre suas ações, que são direcionadas pelas amarras em seu corpo. A composição estética do cenário é pouca iluminada, com sonoplastia associada a um circo. O ator apresenta traços de degradação física, e a entonação da narrativa propõe um linguajar "descolado". A narrativa completa nos traz: "É isso aí, cara. você usa drogas porque quer, vamos lá, mais uma, faz bem, você é

homem. Isso aí, solto, livre, não liga pros babacas não, mano, o corpo é teu, a cabeça é tua, fuma, cheira, ninguém manda em você não, mano, ninguém manda em você, cara. Quem usa drogas está na mão dos outros. Próximo."

O vídeo começa apresentando o mímico Fernando Viera caracterizado como uma marionete, aonde começa a representar com pouca dificuldade, conotando até uma certa satisfação em relação a sua situação, enquanto o roteiro enuncia, " É isso aí, cara. Você usa drogas porque quer, vamos lá, mais uma, faz bem, você é homem". Nesta passagem, o *frame* das representações é ativado, diante da exibição do ator como um boneco. A fala que começa encorajadora carrega uma tonalidade sarcástica que em conjunto ao *frame* das imagens visuais insinua uma certa dúvida quanto a veracidade informacional da situação em contraponto ao roteiro. Essa dualidade permeia como nas propagandas analisadas anteriormente, o campo simbólico, e abstrato, aonde não se trabalha a temática elucidada da pauta contra as drogas, e sim, provoca um discurso no plano subjetivo da mensagem.

O rompimento com essa dualidade da mensagem tem um rompimento na segunda passagem, aonde claramente o ator é representado insatisfeito com a situação, remetendo ao "desespero" e descontrole da situação. Essa transformação no direcionamento da mensagem é reforçada pela música que ganha notas mais desafinadas, que vão se sucumbindo ao "fim" simultaneamente a representação do personagem. Aqui o *frame* da representações é acionado novamente, enquanto a locução também toma outra tonalidade, "Isso aí, solto, livre, não liga pros babacas não, mano, o corpo é teu, a cabeça é tua, fuma, cheira, ninguém manda em você não, mano, ninguém manda em você, cara."

Esse discurso encorajador quanto ao uso das substâncias é vinculado ao ideal de utilizar as drogas para tornar-se "descolado" em detrimento aos outros, articulando assim com o ideal imagético de "liberdade" oferecido pelas drogas. Essa associação é culturalmente reforçada pela mídia, facilmente encontrada em produções cinematográficas, aonde o estilo de vida "jovem" é explorado juntamente a relação com as drogas. A juventude aqui é trabalhada em conexão direta com a inconsequência, reforçando também o ideal de que os usuários de drogas perdem total controle de sua vida, o qual resume a ideia central da campanha, que como as passadas é amparada em visões estereotipadas em rituais sociais.

Rituais Sociais seriam padrões estilizados de comportamento recomendado ao uso de determinada droga. Eles seriam aplicados ao método de aparição e administração da substância, a seleção do meio físico e social para seu uso, as atividades empreendidas após o uso [...] Dessa forma, esses rituais reforçariam e simbolizariam as sanções sociais. (Mídia e Drogas, 2000, p. 19).

A propaganda já se encaminha para o final, quando a locução em *off* é acionada, ressaltando que "Quem usa drogas está na mão dos outros.", enquanto o personagem ao cansar de lutar contra o controle de uma mão que o guia, retoma o *frame* catalisador do VT, o da metáfora, aonde a falta de controle é considerada como obriedade a partir da relação jovem-drogas. Não trata-se da temática em momento nenhum de maneira objetiva, pautando toda elaboração do vídeo num patamar simbólico, longe de informacional. O ator é representado desmaiado ao chão, enquanto o símbolo popularmente difundido pela mídia do "não" as drogas aparece ocupando grande parte do quadrante, dividindo espaço com a assinatura da Parceira Contra as Drogas, e a ratificação de que a produção foi aprovada pelo Conselho Federal de Enfermagem, o COFEN.

Essa explanação a qual embasa a campanha sobre o comportamento "clássico" da visão social sobre os jovens e as drogas encontra embasamento em variados dogmas reproduzido, ao contrário da ação da problematização, e do dever informacional midiático. Essa omissão da busca do entendimento é ressaltada por Daniel Inneraty:

Dizem os neocibernéticos que o nosso mundo vital é regulado por observações de segunda ordem: observamos sempre observam os outros. Os meios de comunicação não nos informam sobre o que acontece, mas sim sobre o que os outros consideram ter o valor de acontecimento. Não observam acontecimentos. Observam observações. (INNERATY, 2006, p.96).

Essa falta de aprimoramento quanto ao tema acentua a dificuldade de lidar diretamente com ele. Além de que, essas representações pejorativas dos usuários acabam distanciando-os mais do convívio social, marginalizando-os e, possivelmente acarretando problemas de socialização que podem diretamente refletir no aumento do consumo.

3.4. Enquadramentos propostos nas campanhas dos anos 2000

Encerraremos a análise das campanhas "anti-drogas" ao observarmos o enquadramento dado a partir do ano de 2010 até agora, 2015. Estes recortes, sendo dois por décadas, tem a intencionalidade de identificar os *frames* mais utilizados e as representações escolhidas pelos seus realizadores, levando a discussão sobre sua real eficácia a partir da contextualização histórica e cultural das décadas que os remete. Os VT's publicitários escolhidos para essa pesquisa passaram por um processo de seletividade amplo, e que buscava abranger produções que se diferenciavam em sua linguagem e estratégia comunicativa. No entanto, um dos diagnósticos já evidenciado até este capítulo, é que o enquadramento

publicitário utilizado para a temática das drogas geralmente ainda mantém o reflexo de estereótipos e uma linguagem incisiva na maioria de suas produções.

Procuramos proporcionar uma variedade de realizadores das campanhas, desde os seus anunciantes até as agências e produtores, para podemos visualizar como a pauta das drogas é trabalhada em diferentes contextos e perspectivas sociais.

Vivenciamos até este ano, um período de avanços no reconhecimento social das minorias, que não chegam nem perto dos prejuízos culturais que as mesmas sofreram, porém, num mundo majoritariamente machista, podemos considerar uma vitória ter uma mulher presidindo o país. A maioria dos reflexos eminentes das políticas reajustadas à sociedade tornaram o mundo, e *in foco*, o Brasil, um país mais esclarecido tanto a favor, como contra. Essa visibilidade explodiu a partir das experiências relacionadas às redes sociais, que concomitantemente aos acontecimentos geram discussões infinitas com argumentos relevantes, e ao mesmo tempo contemplam demonstrações de uma sociedade hierárquica e conservadora, a qual se exemplifica pelas postagens na rede, disseminando uma cultura de ódio, fundamentada num conservadorismo eloquente, que não visa avanços para todos, e sim, preza pela garantia dos seus, mesmo que esses deslegitimem ou agridam outro grupo social.

As campanhas selecionadas para o recorte deste período foram elaboradas especificamente para o combate a uma droga, divergindo das analisadas anteriormente, que eram voltada para a “droga” como um todo.

3.4.1. Campanha All Type - Crack

A primeira peça a ser analisada é uma produção do ano de 2011, veiculada em televisão aberta, e assinada pelo Governo Federal, o SUS e o Ministério da Saúde. Contém duração de 30 segundos e tem sua produção toda em *All Type*. A escolha dessa peça foi basicamente guiada pela sua estruturação estética diferenciada, já que ela não porta, como nas análises passadas, representações de usuários e nem imagens pejorativas durante sua exibição. O texto predominante é acompanhado de uma narrativa que reintegra suas informações: “Precisamos de um minuto da sua atenção. Sabemos que não é a melhor época para falar sobre algo tão sério. Mas esse assunto não pode esperar. O crack é uma droga perigosa que tem causado graves problemas. Porque ele causa dependência muito mais rápido. Por isso fale com seus familiares sobre o assunto. E nunca experimente o crack. Ele causa dependência e mata.”.

A partir dos dispositivos de enquadramento já apresentados anteriormente, enquadramos os *frames* dispostos no conjunto textual da mensagem para analisarmos sua disponibilidade quanto à temática das drogas nesta última década explicitada na pesquisa. A campanha começa ressaltando, “Precisamos de um minuto da sua atenção”, fala que é comumente utilizada pelas peças publicitárias enfatizando para uma “maior” importância da mensagem, alertando previamente para a exibição dos seus objetivos em si. O roteiro segue com a passagem, “Sabemos que não é a melhor época para falar sobre algo tão sério”, afirmação a qual evidencia traços sobressaltos do posicionamento primordial das campanhas proibicionistas, sendo a primeira, a *Just Say No*. Ao não lidarmos com o assunto das drogas de maneira aberta e, enfatizando que sim, precisamos falar dela, de mais de um minuto e principalmente de uma forma atemporal, sem determinarmos momentos específicos da história para isso.

As drogas de hoje são substâncias resultantes da própria movimentação social, econômica e cultural do país, provenientes de um mercado aberto incentivador primordialmente do consumo, antes de alertar para suas consequências. Este mercado é regulamentado dentro do seu poderio de substâncias aprovadas pela lei, porém, as suas características consumistas também embasam o mercado ilegal, seja de armas, drogas, animais, seres-humanos. Como Rosana Bond antenta, “A droga movimenta cerca de 300 a 500 bilhões de dólares ao ano, perdendo apenas para o comércio de armas.”, e Rui Ribeiro:

Apesar da ausência de cifras confiáveis, é considerado o terceiro comércio do mundo. Tem a capacidade de ditar rumos ou derrubar governos. Em grande parte, quem aciona tais conflitos é a política proibicionista, que acaba estimulando esse rigoroso mercado ilegal. (CAMPOS, 2015, p. 16).

A sequência transcreve o texto, “Mas esse assunto não pode esperar.” que, se colocarmos em comparação direta com as políticas públicas relacionadas ao crack, e as outras substâncias psicotrópicas, podemos visualizar que sim, ainda estamos esperando uma catástrofe acontecer para aplicarmos para além das cedes e clínicas de recuperação, uma política de redução de danos, a que mais atingiu resultados concretos¹ desde a sua articulação pelo solo nacional. Como ressalva Batista, a droga funciona como um eixo moral, religioso e político, aonde um inimigo interno é reconstruído ao mesmo tempo que o capitalismo industrial de guerra arrecada lucros, num modelo bélico aonde são produzidas marcas ao poder jurídico.

Logo após, a passagem, “Porque ele causa dependência muito mais rápido.” pode ser considerada a informação mais estritamente verídica sobre o crack. Devido a sua forma de

consumo via mercado ilegal, é eminente pensar que a sua qualidade como produto não é levada em consideração pelos traficantes, que ao adulterar a drogas com variadas substancias, como vidro, acetona, sal, farinha, visam o aumento do montante de substancia. Como Rui Ribeiro apud em Magalhães afirma, “A alteração devido a falta de controle farmacêutico causa mais prejuízos do que as drogas em si; regularizada a produção seria submetida a uma fiscalização eficiente”. (MAGALHÃES, 2010, p. 149). A afirmação explicitada no VT encontra-se no *frame* do exemplo, artifício simbólico que remete a tematização de algum argumento. Devido as nossas ramificações culturais, os exemplos podem estimular a “convencer-nos” de uma ideia a partir do momento que é acionado.

A seguir, “Por isso fale com seus familiares sobre o assunto. E nunca experimente o crack.” é um conselho nitidamente positivo, no entanto, o vídeo mais “demoniza” a droga do que estimula seu debate, e tampouco fornece subsídios para que esse mesmo debate aconteça. Quando nos referimos sobre uma educação sobre as drogas, é devido ao seu impacto e sua promoção em todos os meios sociais, urbanos ou interioranos. Se pensarmos por uma simples associação, quanto ao número de acidentes de transito relacionados ao consumo excessivo de álcool, diagnosticamos que não portamos como sociedade, uma consciência dos riscos efetivos desta droga, e nem da quantidade para consumo dela. Essa situação serve-nos de amparo para compreendermos a vasta disseminação de crack pelas ruas, e as consequências conglomeradas que recaem sobre ela. As drogas nos consomem por seguem uma lógica contínua de negociação, e são tratadas em planos desconectados dos seus contextos sociais, submetendo-se a um direcionamento limitado do campo de visão para aprendermos a controlar o uso abusivo das drogas.

Quando o problema é o álcool como das outras drogas se inicia geralmente na adolescência, é como se o álcool tivesse a “vantagem” de dar um tempo maior para que se estabeleçam (ou não) problemas. Ao contrário, tratando-se de cocaína e heroína, esse tempo é muito pequeno. Antes que a pessoa tenha possibilidade de “pensar duas vezes”, os problemas associados ao seu uso já apareceram. É claro que essa aparente vantagem do álcool poderia se dever não ao seu caráter farmacológico, mas ao fato de seu uso ser legalizado. Dentro desse raciocínio, seria a clandestinidade que levaria a precocidade dos problemas. A transgressão associada ao uso das drogas ilegais faria com que seu uso, desde o início, se desse de forma a levar rapidamente a problemas. Este argumento não é decisivo a nosso ver, conforme discutido, existem problemas importantes associados a drogas, sejam elas legalizadas ou não.. (MANSUR; CARLINI, 2004, p 31).

A parte fina do vídeo, “E nunca experimente o crack. Ele causa dependência e mata.”, encaixa-se novamente no *frame* dos exemplos, aonde a segunda frase dá aval para a outra. Certamente, não é aconselhável que a população não utilize crack e nenhuma outra droga, porém, com esta afirmação a campanha cria um vínculo apenas com os jovens ainda não

usuários das substâncias psicotrópicas, sem incentivar uma consciência para aqueles que já utilizaram a substância. A não fomentação de argumentos que construam uma ponte com os usuários de drogas é a maior problemática visualizada das campanhas até aqui, aonde ainda condena-se os usuários ao descrédito social da sua condição, enquadrando-o como “perdido”, e reforçando o aspecto de um abandono sobre a sua situação como um todo, a partir de uma característica, por mais que muito problemática, mas não crucial, para todos os âmbitos da sua vida.

3.4.2. Campanha Zombie – A Origem

A campanha designada para a realização desta análise é uma grande produção patrocinada por diversas entidades privadas nacionais e internacionais, e novamente assinada pela Associação Parceria Contra as Drogas. A peça intitulada como “Zombie – A Origem” foi reproduzida primordialmente como se fosse um trailer de filme, pelas salas de cinema do território nacional. A produção completa contém 7:23, sendo que a partir dos minutos 4:37, os nomes dos anunciantes, organizadores, e realizadores, que convergem em uma grande ficha técnica são exibidos até o seu término, o que deixa evidente a grandiosidade de mão de obra para sua efetivação. Ao se apresentar midiaticamente leva as informações que a definem como “uma campanha educativa que traz inúmeras informações sobre o crack, desde as táticas utilizadas pelos traficantes para aliciar usuários de outras drogas ao crack, até os efeitos dessa droga e as consequências que causa na vida das pessoas e de seus familiares.”.

A propaganda começa com uma tomada aérea diurna da cidade de São Paulo, datada em 2013, seguida de uma nova tomada noturna. Logo após, um cenário escuro e com fumaças é o fundo para apresentação dos 4 estúdios produtores da peça. Uma sonoplastia “pesada” acompanha a peça, na qual uma mulher jornalista aparece num aspecto característico dos grandes jornais, noticiando em inglês que “O caos se espalhou, e eles já são mais de 2 milhões no Brasil”. A cena que sucede é a apresentação do curta, ainda na língua inglesa, “Zombie – The Origen”, numa tipografia estética que remete as produções do gênero de terror, em conjuntura com uma fumaça de subida contínua, e a movimentação de pessoas sem foco ao fundo da imagem. As cenas que seguem apresentam ângulos rápidos de pessoas caminhando com dificuldade, até o enquadramento da aparição do rosto de um “zumbi” assustado uma pessoa através da janela de um automóvel.

Em sequência são expostos *takes* rápidos com muita movimentação, tons sombrios, e desfoco dos indivíduos. O próximo *take* começa com a retomada do foco, enquanto uma

mulher jovem inicia o primeiro relato sobre o consumo de crack: “Você aí quer saber por que eu tou assim? O crack deixa você focado só nele”, enquanto a câmera transpassa pela personagem que consome crack em um lugar sombrio. “Você só quer saber dele, e milhões de pessoas tão fora de controle por causa do crack.” tem como plano de fundo a representação do que seriam “zumbis” amontoados no que insinua uma provável aglomeração de um ataque já efetivado. O *take* seguinte percorre um corredor com aspectos mais iluminados, porém, ainda apagados, no qual acontece um *close* da individua com aspectos pejorativos com cortes em sua face e seu pescoço. A fala prossegue: “Foi numa balada, uns amigos meus trouxeram” é representado por um *take* novamente do lugar sombrio que nesta parte evidencia-se como um lugar abandonado, com vários usuários em desfoque. A cena recai novamente no corredor iluminado, agora com a representação de jovens num ambiente que poderia ser entendido como uma faculdade ou escola.

Em “amassei todas as pedrinhas, coloquei no cachimbo e não consegui mais parar.” a personagem é evidenciada novamente consumindo a droga. Após, o discurso ao se encaminhar para a reta final, a mulher é apresentada como um enquadramento documental de confissão, aonde aparenta os olhos vermelhos e uma estética ainda mais demarcada e pejorativa, aonde entona, “Eu vendi tudo que eu tinha.”. A cena seguinte apresenta mãos tremulas e acorrentadas, enquanto a personagem reintegra a fala com, “eu vendi o violão que a minha mãe me deu, desculpa mãe, mas eu não consigo largar o crack.”, terminando com a aproximação da câmera novamente apresentando a usuária consumindo a droga num ambiente composto por um pequeno fogaréu e o que seriam outros usuários. O final da fala da individua ressalta, “Eu suporto matar, roubar e me prostituir, mas eu não suporto ficar sem a pedrinha do crack.”, apresentando a mesma num quadrante documental sem a explicitação da personagem, até a retomada de luz e o enfoque de seu rosto.

O segundo depoimento do vídeo tem a narrativa feita por um homem de terno, aonde inicia: “Começou acho que como todo mundo, né? Eu já usei cocaína e outras drogas, mas como o crack não tem.” é representado também de maneira documental, aonde o usuário aparenta fortes traços pejorativos em seu rosto, e os olhos avermelhados. Em seguida, enquanto ele retoma, “O crack não é igual às outras drogas.” retrata o indivíduo utilizando o crack sentado no chão. Portando terno e gravata, o indivíduo é retratado chegando a um escritório com dificuldades para se locomover; a câmera enquadra apenas a parte posterior do corpo do mesmo, até a volta do foco de sua face, no que seria uma mesa, numa reunião de negócios. Enquanto isso, a narrativa se prolonga, “Lá no escritório eles desconfiam que eu

mudei. Eu saio da firma, eu vou lá fumo minha pedra e volto. Mas eu me garanto, eu consigo controlar meu vício.”.

No *take* seguinte, a câmera volta a focar o usuário, que entona as perguntas, “Eu não aparento tar tão mal, né? E eu nem pareço, né?”. Em “ Ontem eu roubei o dinheiro do lanche da minha filha.”, o VT reproduz outros possíveis usuários em situação pejorativas, tão “machucados” quanto o protagonista. E novamente, na última passagem do personagem, ““Tem nada pai, eu pedi pra minha amiguinha’. Saco cheio, quero liberdade pra fumar minha pedra.” é enunciado de maneira mais “violenta” enquanto o rosto do mesmo é reproduzido, a partir de um ângulo mais tremulo. A próxima passagem começa com o mesmo aspecto documental já utilizado mediante os relatos anteriores. Um adolescente com características que remetem a uma idade avançada, portando os traços semelhantes ao ideal do vídeo, de “zumbi”, aparece portando o que seria um recipiente com as drogas, enquanto conta, “Como eu virei zumbi? Foi assim ó, pedrinhas de crack”.

As imagens a seguir voltam a reproduzir um determinado lugar abandonado, aonde usuários “perambulando” e utilizando a droga, num enquadramento desfocado, e em tons apagados. O áudio nesse momento ressalta, “Eu comecei na maconha. ‘Leva de troco aí, você vai sentir o efeito bem mais rápido’”. Enquanto a fala seguinte narra, “Semana passada, tava na casa do meu vô, peguei aquela faca de cozinha que tava lá, e falei, aí sim, vô, é agora, é agora, me dá, me dá, me dá logo.”, neste momento o vídeo sem foco perambula entre o espaço que os usuários ocupam, passando para um estágio saturado da iluminação. A câmera retorna ao personagem, que prossegue, “Comprei lá umas pedrinhas de crack, acendi. Fiquei cinco minutos de céu pra viver essa vida hoje de inferno”, até a imagem de um jovem usuário deitado aparecer junto aos demais. “E achava que pra mim, todas as drogas tinham efeito igual. Usava o que queria, me sentia no poder. Olha pra mim, olha bem pra mim, olha como eu fiquei.” tem como plano de fundo uma variante do personagem em uma sala de aula, já “zumbi”, e sentado na cadeira como anteriormente.

O vídeo continua a narrativa com a cena de uma mulher grávida “alterada” caminhando de costas para câmera em um corredor sombrio. No momento em que vira-se, entona um grito semelhante aos filmes de terror. Logo, um isqueiro é o único objeto visível num plano escuro, que se transforma na individua sentada, começando seu relato, “Comecei fumando maconha com os amigos até que eu conheci um namorado que me apresentou o crack”. Essa fala tem como contexto uma variante do rosto da mulher até a cena em que um homem encostado numa árvore, levanta-se sem a aparição do seu rosto, enquanto a personagem permanece sentada com aparência cansada. O *take* adiante é direcionado as mãos

da mulher que porta um compartimento com as possíveis pedras do crack, enquanto considera, “essa pedrinha aqui é uma mistura da cocaína, só que é muito mais barata e mais perigosa.”.

“Eu já tentei largar, mas eu não conseguia. Eu tive vomito, enjoo, muita dor de cabeça. Eu tenho dois filhos. O segundo filho morreu com dois meses de vida porque eu fumei tanto na gravidez que ele nasceu com má formação.” é pronunciada no momento em que a câmera alterna-se entre enquadrar o rosto condicionado pejorativamente da personagem, e sua barriga, aonde sua mão repousa, remetendo a seu filho. Até a última tomada da mesma, aonde aparece cabisbaixa, mais uma vez, num aspecto documental. A cena que segue retrata outro usuário, também apresentando as mesmas atribuições de “zumbi”, sentado na mesma cadeira que os personagens passados, iniciando sua fala: “Eu fumava muito tempo, maconha, só pra me relaxar.”. A cena seguinte retrata o mesmo no momento do uso do crack num ambiente abandonado, aonde reintegra, “Até o dia que o traficante botou uma pedrinha dessas no bagulho que eu comprei.”.

A próxima parte volta para o aspecto documental, aonde o personagem olha de maneira “fissurada” enquanto mostra as pedras do crack em sua mão, “Essa aqui é a pedra do crack.”. Logo é representado pedindo um isqueiro, caminhando pelas ruas com dificuldade, até o enquadramento de sua face degenerada por trás de uma janela de carro, aonde o indivíduo olha dentro e continua a caminhada. “Roubei, trafiquei, me prostitui. Dá pra mim fumar, dá.”. A próxima cena representa o indivíduo completamente desestabilizado agarrando com força um determinado objeto, que pode ser considerado o crack, enquanto a câmera balança para frente e para trás, exaltando seu comportamento agressivo. A narração durante esta cena é “Eu já fiz tudo que eu achava errado, e eu faço só pra ter poder, só pra sentir poderoso de novo.”. “Dá o isqueiro, porra.” é protagonizada por um excesso nítido de raiva e alteração comportamental do usuário que está sentado na cadeira.

Continuamente, o texto prossegue com o usuário mexendo nas pedrinhas que porta na mão, os olhos fixos na mesma, no momento em que lamenta, “Eu fumei meu casamento, fumei meu filho. Essa pedrinha aqui, essa aí não tem volta, é ilusão.”. Este depoimento termina com o personagem exaltado a gritas, “Dá o isqueiro, dá o isqueiro porra.”. Ao encerrar o enredo, outro texto é inserido, ao contrário do anterior, sem narração: “As falas dos personagens deste filme foram retiradas de depoimentos verídicos de usuários de crack. Este filme é dedicado a todos os jovens e adolescentes que resistem e evitam o crack. Este filme tem como objetivo prevenir que mais jovens sofram dessa doença.”. Ao término do texto que se esvai feito fumaça, um *close* da jornalista que inicialmente dava início ao vídeo é inserido.

A jornalista neste momento também é evidenciada com um “zumbi” em aspecto descontrolado e perigoso.

Logo ao iniciar a campanha já demonstra aspectos de filmagens semelhantes aos gêneros de suspense e terror, observados pelo aspecto da tomara aérea da cidade de São Paulo e pela sonoplastia “tensa”. A sequência vai começando a delinear a ideia que a peça quer passar; quando a jornalista insere a fala, “O caos se espalhou. E eles já são mais de 2 milhões no Brasil.” podemos detectar dois *frames*, o da representação e dos exemplos, que são introduzidos baseados em seu crédito moral, já que ainda hoje, a maioria da população constrói suas opiniões provenientes dos telejornais da televisão aberta. Na sequência, o nome da peça é exibido, atentando para ele, em língua inglesa, “Zombie – The Origin”, que carrega letras garrafais em conjunto com as tonalidades estéticas das produções cinematográficas de terror, ou que ao menos, pretendem causar um suspense inicial. Após o anúncio, o *take* seguinte reafirma as pré-disposições anunciadas do VT, e mostra pessoas caminhando com dificuldade, referindo-se a epidemia anunciada dos zumbis.

Essa caracterização que se prolongará pela narrativa inteira enquadra-se como um todo no *frame* da metáfora, aonde se associa pessoas usuárias de crack a uma produção midiática fantasiosa, pejorativa e “não-real”. Partindo desse pressuposto e analisando as características físicas e comportamentais dos zumbis, essas pessoas então associadas a eles pelo crack, portariam suas características negativas, tendo em vista que as aparições dos zumbis num plano geral de produção são sempre do lado “mal”, comedores de cérebro, instauradores da barbárie. Acontece aqui uma ressignificação social não muito longe dos estigmas instaurados na sociedade em detrimento do crack e dos seus usuários. Essas pessoas que já tem em sua vida a problemática da dependência, também assistem com o recaimento de acusações julgadoras a partir do seu “desvio moral”, da perda da instabilidade social e da deslegitimação diante ao mundo. Como observamos pelo viés da Heloísa Matos, essas pessoas perdem o que seria o seu capital social, pois o mesmo “gera exclusão de *outsiders*: exclui e marginaliza.”. Putman aponta para as normas de reciprocidade espedidas pela sociedade, que quando não são respeitadas, podem ser entendidas como “linhas” regulamentadoras de pessoas, estereotipando-as e referindo-as a seus lugares.

As cenas seguintes que antecedem o início dos relatos propõe movimento e agressividade, ambas retratadas com pouco foco e luz, capturando a imagem plena apenas na primeira aparição de um “zumbi”, o qual assusta a uma individua pela parte de fora da janela de um carro. Essa introdução ao cenário violento pode ter respaldos nas inúmeras matérias que publicitam os assaltos cometidos pelos usuários de drogas para sustentar seu vício. O que

não é uma informação errônea, mas paira no âmbito superficial. Não são todos os usuários que cometem furtos e assaltos para adquirir as drogas que desejam, tampouco partem para a brutalidade no momento do delito. O que não é levado em consideração é a exposição cultural que os mesmos são colocados sem a devida atenção para as condições prévias ao consumo da droga, como classe social, nível informacional, oportunidade diante do sistema capitalista e localização de sua moradia. Aproxima-se as drogas da criminalidade no momento que ambas fazem parte da ilegalidade, aonde uma utiliza-se como atributo da outra como artifício para um processo de retroalimentação.

A partir dos 38 segundos de duração da produção, começam os relatos dos usuários “zumbis”. A primeira a se reportar é uma mulher jovem e negra, a qual aparece primeiramente consumindo a droga em um lugar abandonado enquanto a narrativa prossegue: “Você aí quer saber por que eu tou assim? O crack deixa você focado só nele. Você só quer saber dele.”, enquanto a captação de imagens insinua um “ataque zumbi” demonstrando um aglomerado dos mesmos consumindo algo no chão. Aqui, articulasse a partir dos *frames* das representações, imagens visuais que compactuam entre si, da representação estética da personagem, visivelmente pejorativa, até o reforço da narração, aonde uma reforça a outra. No momento que o enquadramento direciona-se para a personagem filmando-a de corpo inteiro, a resposta da pergunta inicial conduz a narrativa, “E milhões de pessoas tão fora de controle por causa do crack.”.

O próximo *take* exhibe um corredor corriqueiro semelhante a uma escola ou universidade. Nele, encontram-se jovens estudando e confraternizando comumente, enquanto o áudio reintegra, “Foi numa balada, uns amigos meu trouxeram, amassei todas as pedrinhas, coloquei no cachimbo e não consegui mais parar.”, cena que termina com a personagem consumindo o crack num lugar sombrio. Esse “percurso” entre o ponto do consumo e o do vício é um dos atributos mais descrentes dentre o julgamento social. Claro que o consumo excessivo pode acontecer “da noite para o dia”, mas não pode ser atenuado como uma consequência absoluta. É primordial que haja uma desmistificação do pressuposto de que todo usuário automaticamente está viciado nas drogas, e neste caso, no crack. O crack gera um vício de maneira muito mais rápida sim, mas é importante ressaltar que o vício é uma atividade humana relacionada muito mais a dose do que a substância utilizada em si. Como Tarso ressalta em O Almanaque das Drogas:

O suíço Paracelso, médico do século 15 considerado o pai da toxicologia, dizia que “o que faz o veneno é a dose”. O problema é que, no caso das drogas psicotrópicas, a regra é errar a dose. Até porque quem usa essas substâncias não é médico nem sequer quer se medicar. E aí vêm os riscos. [...] Então, se é verdade que as drogas nem sempre são o dragão de sete cabeças que muitas vezes a mídia, os pais e as

autoridades pintam, também é verdade que elas estão longe de ser uma brincadeira inofensiva.(ARAÚJO, 2014, p. 146).

Em sequência, a imagem transmitida da jovem com os olhos avermelhados e com cicatrizes na face, enquadra-se pelo *frame* das imagens visuais, que convergem diante do relato a uma cena de apelo emocional e assustadora, devido ao modo operatório que segue o enredo. A personagem ao falar de tudo que vendeu e desculpar-se com a mãe, ressalva situações característica da lida diária com as drogas em contextos familiares. Aqui o *frame* do exemplo é utilizado até o término da fala da jovem, quando concluí que, “Eu suporto matar, roubar e me prostituir, mas eu não suporto ficar sem a pedrinha do crack.”. O modo como o relato da individua procede diante das imagens representativas leva ao questionamento de que, se entendemos a complexidade do problema das drogas, por que não articularmos maneiras embasadas na realidade, ao invés de explorarmos planos subjetivos com apelo para a dramatização de histórias como esta, midiaticamente construída para perpassar um “medo”, e não para despertar uma preocupação social concreta com o assunto?

Toda a dificuldade que o senso comum e mesmo os médicos tem para compreender a dependência química também está ligada ao fato de ela não ser resultado de um evento esporádico e pontual. Ninguém que usa drogas se tora dependente químico de uma dose ou outra. Toda dependência química é resultado de mudanças sutis e graduais no comportamento de um usuário em relação ao consumo de uma substancia. (ARAÚJO, 2014, p. 180).

O relato que sucede é realizado por um homem portando vestimentas características do ambiente de trabalho em empresas. Ele aparece fisicamente denegrado, remetendo também aos aspectos de “zumbi”. Ao começar a oratória, “Começou acho que como todo mundo, né? Eu já usei cocaína e outras drogas, mas como o crack não tem. O crack não é igual às outras drogas.”, enquanto as representações visuais variam entre sua face e a exibição do mesmo consumindo a droga num lugar abandonado. Essa diagramação de imagens e informação relata histórias cotidianas vividas entre os consumidores das drogas. O crack é uma substância muito perigosa e degenerativa do estado físico e psíquico humano, logo realmente ele não é igual às outras drogas. A qualidade dessa informação pode ser questionada no momento em que resulta numa consequência factual obter a visão que a utilização de outras drogas levará certamente ao crack. No entanto, atenta-se para essa possibilidade esporádica, mas não se problematiza as outras diretrizes que determinem o seu uso, como os “fatores de risco” que acentuam os riscos:

Os contextos sociais normalmente associados a problemas com drogas são o uso de drogas pelos pais, em casa; falta de envolvimento afetivo com os pais; sentimento de rejeição família e/ou social; dificuldade de desempenho na escola ou no trabalho; vizinhança violenta; desemprego e falta de acesso a educação e lazer; transtornos psíquicos (como depressão, ansiedade, esquizofrenia).(ARAÚJO, 2014, p. 202).

O *take* seguinte representa o personagem adentrando a um escritório, enquanto o áudio enaltece, “Lá no escritório eles desconfiam que eu mudei. Eu saio da firma, eu vou lá, fumo minha pedra e volto. Mas eu me garanto, eu consigo controlar meu vício. ”. O enquadramento dos *frames* aqui não é acionado, mas é crucial para a tomada que segue aonde o indivíduo é caracterizado pelo *frame* das imagens visuais e representações, já que ao continuar a narrativa, "Eu não aparento tar tão mal, né? E eu nem pareço, né?", o mesmo é retratado em aspectos pejorativos condizentes com uma tonalidade de "demência" associada ao uso da droga. Essa representatividade da ilusão dos usuários quanto ao seu estado físico é muito semelhante ao modo como a sociedade designa os "desviantes" da norma, aonde vários atributos estéticos e comportamentais são subentendidos mediante a um pré-requisito atrelado a uma determinada postura esperada dos cidadãos.

Obviamente, um dependente químico destina sua preocupação para a sua abstinência e a aquisição da droga, mas do que por essas diretrizes moduladoras enraizadas na nossa cultura. O que também não significa que a partir de determinados dispositivos sociais devemos fazer a associação a estes "desviantes", tampouco determinar que estes mesmos dispositivos sejam determinantes para a articulação do indivíduo na sociedade. Pois, se adquirirmos essas considerações como unânimes, estaremos novamente pré-dispostos a reafirmação de estereótipos e, novamente constituindo uma visão separatista entre as dicotomias do "bem" e do "mal", e do "certo" e do "errado". Na sequência do enredo, o personagem é representado em tom confessional aonde delata, "Ontem eu roubei o dinheiro do lanche da minha filha. Tem nada, pai. Eu pedi pra minha amiguinha. Saco cheio. Quero liberdade pra fumar minha pedra.", aonde visualizamos uma dramatização com o apelo simbólico pelo *frame* dos exemplos. Essa passagem gera uma reflexão sobre a ação das drogas no organismo e conseqüentemente no comportamento individual do usuário, aonde, quando diagnosticado como dependente químico, poderá sucumbir a necessidade de adquirir a droga a qualquer custo. O que não podemos omitir é que essas atitudes "desesperadas" são resultado de uma dependência, uma doença, que como ressalva Araújo, podem ser constatados por:

Padrão de uso de substâncias inadequado que leva a prejuízo clinicamente significante, expresso pela manifestação de um (ou mais) dos sintomas a seguir, no

período de 12 meses: uso repetido da substancia que resulta na falha em executar obrigações no trabalho, na escola ou em casa; uso repetido de substancias em situações no trabalho, na escola ou em casa; uso repetido de substancias em situações em que isso é fisicamente arriscado; problemas legais recorrentes causados pelo uso da droga; uso continuado de substancias apesar de problemas pessoais ou sociais recorrentes causados ou exageros pelos efeitos das substancias. (ARAÚJO, 2014, p. 178).

A próxima tomada relatada por um jovem "zumbi", também tem um forte respaldo antropológico significativo sobre o debate da maconha ter se tornado referencia quanto a "porta de entrada" para outras drogas, já que a narrativa segue, "Como eu virei zumbi? Foi assim ó, pedrinhas de crack. Eu comecei na maconha, leva de troco aí, ta, não sei o que, tu vai sentir o efeito bem mais rápido.". É importante lembrarmos que a criminalização do porte das drogas está mais ligado ao consumo gradual de substancias mais pesadas do que num plano ideal discriminatório. A ilegalidade das drogas torna o comércio das substancias um varejo inconsequente, amplo e que só visa o lucro. Fundamentado pelos moldes do capitalismo, que também permeia o mercado ilegal, aonde não se possui nenhuma forma de controle sobre a qualidade das drogas e nem um detrimento sobre quem as utiliza.

O processo da criminalização pode ser entendido como o fator que aproxima o usuário das substancias mais pesadas, quando o mesmo vai à procura delas na boca de fumo, e encontra um determinado traficante, não regimentado por lei, e sim pelo lucro, que ira oferecer qualquer psicotrópico disponível no local. No entanto, a criminalização não pode ser considerada o fator decisivo ao uso abusivo das drogas, nem da sua relação direta com os prejuízos para os usuários, pois fatores como a situação econômica, a vulnerabilidade geográfica, a falta de perspectivas pessoais, a situação financeira, e o índice de escolaridade, juntamente com variadas situações sociais, acoplados um ao outro, colaboram para o entendimento do mundo do individuo em relação às drogas e sua quantidade.

A próxima cena relata, "Semana passada eu tava na casa do meu vô, peguei aquela faca de cozinha que tava lá, falei assim, aí vô, é agora, é agora, me dá, me dá, me dá logo, me da logo. Comprei lá umas pedrinhas de crack, pá, acendi fiquei cinco minutos no céu, pra viver essa vida hoje de inferno. ". Durante a narrativa do jovem, as imagens variam entre o cenário dos usuários em situações distorcidas, encaixando-se no *frame* das representações, imagens visuais, e o exemplo em si, relatado pelo personagem. Ao decorrer, o personagem continua o relato, "E achava que pra mim todas as drogas o efeito era igual. Usava quando eu queria, me sentia no poder. Olha pra mim, olha bem pra mim, olha como eu fiquei.", encerrando a cena como próprio *frame* de exemplo. A confissão seguinte, entonada por uma mulher grávida, inicia-se assim: "Comecei fumando maconha com os amigos, até que conheci

um namorado que me apresentou o crack. Essa pedrinha aqui é uma mistura da cocaína, só que é muito mais barata e mais perigosa.". Nessa parcela do relato, identificamos juntamente ao que é representado no vídeo, os *frames* da própria representação, quanto das imagens visuais. A dramatização da mulher exibida a partir de uma perspectiva "desolada", é reforçada no *take* seguinte, quando o relato continua, "Eu já tentei largar, mas eu não conseguia. Eu tive vomito, enjoo, e muita dor de cabeça. Eu tenho dois filhos, o segundo filho morreu com dois meses de vida, porque eu fumei tanto na gravidez, que ele nasceu com má formação. ".

Além dessa segunda passagem conectar-se ao *frame* do exemplo exemplificado pela morte de seu filho, o depoimento como um todo cumpre o papel da exposição das consequências do uso das drogas durante o período gestativo. Essa informação até então, não aparece em nenhuma das análises efetuadas até agora em nenhum período, e pode ser considerada, por mais que abordada de maneira superficial, um importante argumento de aquisição para levantarmos o debate sobre as consequências catastróficas que as drogas podem submeter os indivíduos. No entanto, é importante ressaltar que uma pessoa adulta tem total disponibilidade de controle de como "levar" sua vida, e que se o fator da relação das drogas foge do controle individual, potencializando riscos a uma criança de sua responsabilidade, existem outros atributos discutíveis quanto a sua guarda ser revisada pelo poder público. Ainda nesse discurso, novamente devemos atentar para o reforço do estereotipado da "maconha" como porta de entrada para o crack, e que, como afirma Tarso Araújo:

O fato de duas coisas serem associadas não quer dizer que uma seja causa da outra. Usuários de cocaína geralmente provam o álcool primeiro, mas não usaram cocaína porque beberam o álcool. O fato, não se conhece nenhuma ação biológica do álcool, do tabaco ou da maconha que explique a transição dessas drogas para outras. O que existe, sim, são circunstâncias que favorecem – ou não – a escalada do uso. No caso da maconha, uma dessas circunstâncias é o fato de ela ser vendida pelos mesmo comerciantes de outras drogas ilícitas. (ARAÚJO, 2014, p. 247).

O próximo relato invoca ainda mais o discurso desesperado, já conhecido midiaticamente devido as reportagens televisionadas em massa. As condições representativas do personagem remetem ao sofrimento, ao desatino com a aparência e a enfermidade dos dependentes químicos. A narrativa: " Eu fumava muito tempo maconha só pra me relaxar, até um dia que o traficante botou uma pedrinha dessas num bagulho que eu comprei. Essa aqui é a pedra do crack, me dá o isqueiro aí. Roubei, trafiquei, me prostitui. Dá pra mim fumar, dá, eu já fiz tudo que eu achava errado, e eu faço só pra ter poder, só pra sentir poderoso de novo. Dá o isqueiro, porra. Eu fumei meu casamento, fumei meu filho, essa pedrinha aqui, essa aí não tem volta, é ilusão. Dá o isqueiro só pra ter a sensação, dá o isqueiro, porra.". Esta última

passagem equivale aos *frames* de representação, imagens visuais e exemplos, aonde gritos atravessam o depoimento enaltecendo a agressividade de determinados usuários quanto as crises de abstinência. Além da reafirmação da maconha como objeto de "porta " de entrada para outras drogas pela terceira vez durante o vídeo, o relato é devidamente conduzido para o encerramento, com o apelo emotivo proporcionado pelas passagens que o indivíduo afirma "ter fumado" praticamente, a sua vida.

Essa designação severa a perda de controle dentro de um convívio social saudável é desvinculada das condições adjacentes ao uso da droga pelo indivíduo. Esta fala final pode ser apontada com características que reafirmam todo o processo narrativo do VT, encerrando assim a visão dos seus realizadores sobre a "epidemia " do crack, e o seu poder de transformação física e psíquica na vida dos usuários. Infelizmente, a aproximação com os já usuários da droga esbarra no momento do texto aonde o personagem afirma "não ter volta", e ser "ilusão". A última mensagem antes do término carrega as informações de que, "As falas do personagem deste filme foram retiradas de depoimentos verídicos de usuários de crack. Este filme é dedicado a todos os jovens e adolescentes que resistem e evitam o crack. Este filme tem como objetivo prevenir que mais jovens sofram dessa doença.". Logo após, um *take* rápido é exibido da jornalista que anunciava inicialmente a epidemia, sucumbida a própria, retratada também como zumbi.

O texto ao atentar para as falas verídicas dos personagens omite a ideia da grandiosa "produção" realizada até então. Houve uma apropriação de relatos reais e problemáticos de usuários de crack, que ao delatarem suas experiências acabaram por ter suas vivências reproduzidas de maneira fantasiosa, associando uma doença química a uma invenção cinematográfica. Dessa maneira, o real valor dos discurso é associado com uma cultura já implementada pelo conhecimento prévio dos "zumbis", aonde a associação com a cultura do medo é interligada e reforçada em cada cena do VT. Podemos observar nas tomadas que ao contrário do que o vídeo afirma se dispor a fazer, ele não cria espaço de diálogo além de caracterizar o usuário de crack como um "monstro", exaltando a exclusão dos mesmos. É claro que os discursos conotam um tom assustador associado a substância do crack, que pode ser evidenciada pelos relatos expostos e por todas as informações oferecidas sobre a droga. O crack é extremamente perigoso, e é um problema de saúde pública da maioria das cidades dos Brasil. Porém, a produção carrega uma tonalidade como um todo de subjetividade, desde o momento de associação com os "zumbis", o que não dialoga diretamente com as informações obtidas pelos órgãos de saúde, partindo do pressuposto que "zumbis" não existem.

A maior problemática desta produção é a abordagem, tendo em vista que desencadeia uma falsa representatividade dos usuários, que por mais que tenham seus discursos reproduzidos em veracidade, visualmente são conectados a "zumbis". Essa banalização da imagem agride primordialmente o modo como nos vemos socialmente, estigmatizando e marginalizando mais ainda um grupo que visivelmente precisa de ajuda, instrução sobre redução de danos e políticas públicas preparadas para o seu tratamento. Reforçar estereótipos é posicionar-se novamente entre o "bem" e o "mal", aonde os usuários de crack são colocados num panorama social pecaminoso, reproduzido como "sem volta". Uma propaganda que pretende alertar sobre os perigos da droga, e evitar que mais jovens e adolescentes a consumam pode surtir efeito quanto ao acréscimo do fator "medo" sobre o uso de substâncias ilegais, mas nenhum momento cria nenhum vínculo positivo quanto aos já usuários, tampouco informa de maneira qualitativa sobre aspectos ruins acarretados pelo uso da substância.

No aspecto da responsabilidade social que a mídia contém, visualizamos a produção quanto nula, a partir do primeiro momento que não levanta o debate e retrata seres-humanos como "não-seres-humanos". Possivelmente, se as empresas patrocinadoras e os seus produtores elaborassem uma peça que retratasse os discursos de maneira mais "digna", ficaria mais fácil a elucidação do tema, a problematização das suas consequências e a exclusão do medo do debate, ou seja, poderíamos atribuir definições precisas a partir de dados empíricos e de pesquisas elaboradas para lidarmos com as drogas de maneira "real". No entanto, o que visualizamos durante esses 4:34 minutos entre discursos e representações é que a pauta droga ainda é um tabu, que quando levado a tona remete na maioria das vezes a subjetividade, sem uma publicitação das ferramentas reais necessárias para os usuários, a família dos usuários, os jovens que potencialmente podem usar a droga, e nem as pessoas ao redor que poderiam ajudar, tanto no âmbito profissional da saúde, quanto dentro do próprio ciclo social dos indivíduos.

Ainda que se pensarmos no público alvo dessa campanha não encontraremos associação plausível para sua veiculação no cinema, tendo em vista que a maioria dos consumidores de crack são moradores de rua, de baixa renda ou em situação de vulnerabilidade social. É claro que os usuários também habitam outras classes sociais e outros meios, mas esses não são os que ocupam as ruas, as praças, as favelas. Estes dificilmente serão associados a "zumbis" enquanto continuarem consumindo crack dentro de suas residências, e tiverem meios econômicos para não precisarem praticar delitos em prol da aquisição da droga. Os fatores simbólicos que encubem essa produção deterioraram muito mais os usuários do que os protege, já que dissemina o medo á sociedade, aonde os "zumbis"

continuarão por ser condenados sem a relevância de outros fatores que os levaram ao consumo abusivo e a vida marginalizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizamos este projeto com a intenção de analisar as campanhas antidrogas, evidenciando dispositivos intrínsecos a temática, que foram amparados pelo conceito da Geografia Política das Drogas, aonde conseguimos visualizar os desdobramentos sistemáticos que se aglomeram entorno delas e, principalmente de como é representada pela propaganda brasileira. Ao efetuar um processo para a construção de uma compreensão básica informativa sobre a temática, tentamos notabilizar a associação das relações das drogas em múltiplos espaços, além da dedicação a trazer destaques da mídia em relação à década continuamente durante o projeto. Devido à falta de tempo não conseguimos chegar a uma pesquisa que englobe todas as constituições do tema, até porque, concluímos a partir dessa análise que a droga funciona como um "dispositivo" social como tantos outros, que se adaptam diante das relações mundanas de maneira física e simbólica.

Ao analisarmos as campanhas conseguimos constatar uma falta de humanização dos usuários, e um receio muito grande ao direcionamento e objetividade do debate. A exemplificação do pensamento reflexivo desta monografia pode ser considerada a partir de uma situação hipotética, mas muito habitual: se considerarmos que a maioria dos motoristas de caminhão que cruzam as estradas do país utilizam substâncias psicotrópicas para manter-se acordados durante as jornadas exaustivas de trabalho, como podemos culpabilizar as drogas pelos acidentes decorrentes nas estradas? Primeiramente precisamos repensar sobre as horas exaustivas que uma pessoa precisa trabalhar para conseguir sobreviver em meio às demandas sociais. Em sequência, ressaltar que devido ao grande acesso as drogas, a política proibicionista não cumpre sua missão quanto ao extermínio destas substâncias em nossa sociedade. A partir daí, devemos também problematizar o *habitus* humano, desenvolvido desde o tempo paleolítico, em relação ao consumo de substâncias com o intuito da alteração da realidade. Precisamos pensar em medidas preventivas para o caso em excesso, e o quão realmente é importante encarcerar usuários em prisões já dominadas pelo crime organizado.

Concluímos que a propaganda antidrogas não contempla a sua missão quanto ao direcionamento da sua mensagem, e nem possibilita um diálogo sequer informativo pautado em um conhecimento realista sobre suas consequências. Fica visível a indisposição em fomentar o debate lúcido perante a temática, e uma falta de propriedade para articular campanhas que realmente criem possibilidades maiores de instrução social. Tendo por

exemplo que as campanhas selecionadas para análise, nem ao menos são concretizadas a partir de uma pesquisa sobre o índice de usabilidade das drogas da época.

Deveríamos repensar o posicionamento da propaganda antidroga a partir de dois fatores, que serviram como guia para a conclusão deste projeto: o sistema que vivemos, e a participação da propaganda, que reafirma os dogmas enraizados nele. Não vivenciamos um consumo abusivo de drogas apenas por que elas existem, e sim, primordialmente, porque vivemos na sociedade do consumo, onde o excesso pode ser relacionado ao trabalho e a mais uma infinidade de fatores. Evidenciamos a preocupação com as drogas quando encontramos a quantidade de informações desprovidas de fontes confiáveis, polemizadas, estereotipadas sendo divulgadas por grandes veículos de comunicação. Ainda que em sua maioria as drogas ocupem a sessão criminal, como que por adaptação as demandas comunicacionais que sejam atualizadas, elas vêm sendo trazida vagarosamente a espaços como pauta de saúde, principalmente pelo viés da redução de danos.

As drogas são uma das maiores questões que temos na realidade, e já denotaram muita atenção das autoridades, junto com variadas intervenções dos EUA seja pela política bélica, seja propagandeando o método único que a mídia devia pronunciar-se em detrimento da temática, *Just Say No*. A droga não é o problema em si, mas todos os outros monstros escondidos que a seguem. Como o posicionamento dos Estados Unidos da América que decide que ele é quem mata, e quem vai morrer nessa guerra, reproduzido todos os dias pelos policiais, sejam do *DEA*, ou da polícia militar que invade as favelas do Rio de Janeiro. E conseqüentemente da comunicação, que por questões éticas e morais não pode se omitir do seu papel representativo na sociedade. Mais do que um trabalho, esta pesquisa tornou-se um comprometimento profissional a partir da responsabilidade social da ferramenta da propaganda, relacionado com o comprometimento pessoal, em buscar adquirir um entendimento crítico o qual visa no mínimo, ajudar a melhorar a vida das pessoas diretamente afetadas pelas drogas. Para exercer a profissão de comunicadora comprometida com a parcela da sociedade que mais é prejudicada pelo posicionamento omissivo do *modus operandi* regente pelos grandes veículos de comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDI Relatório – Agência de Notícias e Direitos da Infância e o Programa Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde – 2000.

ALEXANDRE, Marcos. **O Papel da Mídia na Difusão das Representações Sociais** - Grupo Papeando Revista Comum – Rio de Janeiro – v.6 – nº 17 – p. 111 a 125 – jul./dez. 2001, disponível em <https://grupopapeando.wordpress.com/2010/02/14/o-papel-da-midia-na-difusao-das-representacoes-sociais/>

ARAÚJO, Cláudio Márcio; OLIVEIRA, Maria Claudia Santos Lopes. **Contribuições de Bourdieu ao tema do desenvolvimento adolescente em contexto institucional socioeducativo**. UNB, Brasília – 2014.

ARAÚJO, Tarso. **Almanaque Das Drogas: Um guia informal para o debate racional**, 2ª edição, São Paulo: LeYa – 2014.

BACILA, Carlos Roberto; Rangel, Paulo. **Lei de Drogas: comentários penais e processuais**. 2ª edição, Revista, ampliada e atualizada até dezembro de 2013, São Paulo: Editora Atlas – 2014.

BOTTINI, Pierpaolo Cruz. **Porte de Drogas para Uso Próprio**. 1ª edição, São Paulo, Viva Rio – 2015.

BURGIEMAN, Denis Russo. **O fim da guerra: A maconha e a criação de um novo sistema para lidar com as drogas**. 1ª edição, São Paulo: LeYa – 2011.

CABRAL, Luís Rodolfo. **Parece mas não é: Considerações sobre o efeito de verdade no gênero editorial**. Faculdade Santa Fé - 2013

CAMPOS, Rui Ribeiro. **Geografia Política das Drogas Ilegais**. 1ª edição, São Paulo: Editora JH Mizuno – 2014.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra: 1999.

COELHO, Zara Pinto. **As campanhas anti-droga e moralização do jovem criminosos**. Braga, Portugal, Universidade do Minho – 2004.

CONTRERA, Malena Segura. **Mídia e Pânico: Saturação da Informação, Violência e Crise Cultural na Mídia**. São Paulo, Fapesp – 2002.

Dossiê Descriminalização STF – Plataforma Brasileira de Política de Drogas: Questões sobre a descriminalização do porte de drogas para uso pessoal, síntese breve de evidências. 2ª edição – 2015, disponível em http://pbpd.org.br/wordpress/?page_id=3387

Entrevista Julio Calzada, Carta Capital – 2015 Disponível em <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-regulacao-uruguaia-e-uma-politica-social-e-de-saude-3726.html>

Entrevista com Maria Lúcia Karam, ex-defensora pública e juíza de Direito aposentada pelo Estado do Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.crprj.org.br/publicacoes/jornal/jornal18-mariakaram.pdf>

Entrevista com Pepe Mujica, ex-presidente do Uruguai. Calle 2, 2015, disponível em <http://calle2.com/o-que-fizemos-foi-legalizar-a-realidade/>

FAXINA, João Marcelo; BARP, Luiz Fernando Greiner; FREIRE, Marcelo. **Enquadramento: Amy Winehouse e as drogas no programa Fantástico.** XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – S. Cruz do Sul - RS – 30/05 a 01/06/2013, disponível em <http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2013/resumos/R35-0443-1.pdf>

FERREIRA, Guilherme Gomes. **Travestis e Prisões:** a experiência social e a materialidade do sexo e do gênero sob o lusco-fusco do cárcere. Porto Alegre, PUC – RS – 2014.

FERNANDES, Ribeiro Vagner; FUZINOTTO, Aline Mattos. **Drogas: Proibição, Criminalização da Pobreza e Mídia.** 30, 31 mai e 01 jun / 2012- Santa Maria / artigo disponível em <http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2012/4.pdf>

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e Punir.** 41ª edição, Rio de Janeiro: Editora Vozes – 2013.

GOMES, Neusa Demartini. **Publicidade: comunicação persuasiva.** 1ª Edição, Editora Sulina: Porto Alegre – 2003.

GOMES, Luiz Flávio. **Drogas: EUA perderam mais uma guerra.** Instituto Avante Brazil – 2012, disponível em <http://institutoavantebrasil.com.br/drogas-eua-perderam-mais-uma-guerra/>

INNERARITY, Daniel. **O Novo Espaço Público.** 1ª edição, Lisboa: Editora Teorema – 2006.

JÚNIOR, Armando Boito; GALVÃO, Andréia. **Política e classes sociais no Brasil dos anos 2000.** Edição 73, Alameda Editorial – 2013.

Legislação e Políticas Públicas sobre Drogas no B r a s i l, Brasília – 2008, disponível em <http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/biblioteca/documentos/Legislacao/327912.pdf>

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia e o triunfo do espetáculo.** LÍBERO - Ano VI - Vol 6 - n o . 11

OLIVEIRA, Márcio. **Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici.** Rev. bras. Ci. Soc. vol.19 no.55 São

MANSUR, Jandira; CARLINI, Elisaldo. **Drogas:** subsídios para uma discussão. 4ª edição, 1ª reimpressão, São Paulo: Editora Brasiliense s. a. – 1993, 2004.

Matéria Portal Fórum - 2015, disponível em <http://www.revistaforum.com.br/blog/2015/03/apos-legalizacao-desistencia-de-abortos-cresce-30-no-uruguai/>

Matéria Hype Science – 2008, disponível em <http://hypescience.com/10-inacreditaveis-propagandas-antigas-de-cocaina-e-outras-drogas/>

Matéria Revista Super Interessante – 2009, disponível em <http://super.abril.com.br/comportamento/a-maior-parte-do-dinheiro-tem-cocaina>

Matéria Zero Hora – 2015, disponível em <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/planeta-ciencia/noticia/2015/06/legalizacao-nao-aumentou-consumo-de-maconha-no-uruguai-diz-estudo-4779552.html>

Ministério da Saúde. **Os Jovens na Mídia: os desafios da aids.** Brasília – 2000.

PASTANA, Débora Regina. **Cultura do Medo e Democracia: Um paradoxo brasileiro.** Londrina, V.10, Revista Mediações - 2005

PETUCO, Denis. **Os discursos com estatuto de verdade e o dispositivo “droga”.** 2003, disponível em <http://www.denispetuco.com.br/03.pdf>

PETUCO, Denis. **Drogas e Cidadania: Uma análise comparada da implementação das políticas de Redução de Danos nas cidades de Porto Alegre e Santos.** URGs – 2006. Trabalho disponível em <http://www.denispetuco.com.br/drogasecidadania.pdf>

PORTO, Maria do Rosário Silveira; TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches. **Violência, insegurança o imaginário do medo.** São Paulo, Cadernos Cedes, ano XIX, nº 47, dezembro/98.

QUEIROZ, Vinicius Eduardo. **A Questão das drogas ilícitas no Brasil.** Florianópolis, UFSC – 2008.

UNODC. Relatório Mundial sobre Drogas de 2015, disponível em <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/frontpage/2015/06/relatorio-mundial-sobre-drogas-de-2015--o-uso-de-drogas-e-estavel--mas-o-acesso-ao-tratamento-da-dependencia-e-do-hiv-ainda-e-baixo.html>

RIBEIRO, Maurides de Melo. **Drogas e redução de danos: os direitos das pessoas que usam drogas.** 1ª edição, São Paulo. Saraiva – 2013.

ROTHBERG, Danilo. **Enquadramentos midiáticos e sua influência sobre a consolidação de direitos de crianças e adolescentes.** Opinião Pública, Campinas, vol. 20, nº 3, dezembro, 2014, p. 407-424.

SABRINA, Franzoni. **O Discurso do Ombudsman: o jornalismo como espaço de legitimação de sentidos.** Anais do SITED, Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso. Porto Alegre, PUC – RS, 2010.

SANT’ANNA, Arlene Lopes. **Análise do discurso da propaganda de prevenção às drogas.** UniFae, disponível em <http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/cd/Port/24.pdf>

SÍGOLO, Vanessa Moreira. **Trabalho em movimentação: a formação de movimentos sociais de economia solidária no Brasil e na Argentina pós-90.** São Paulo, USP – 2007.

VIMIERO A. C.; MAIA, R. C. M. **Análise indireta de enquadramentos da mídia.** Porto Alegre, Revista Famecos, v. 18, n. 1, p. 235-252, janeiro/abril 2011

ZILBERMAN, Regina. **Brasil: cultura e literatura nos anos 80.** UFRGS – 2001.